

Tenho pouco tempo nessa vida de jornalista, cerca de oito anos, e é uma honra escrever para um cara como o Raul, um dos poucos que conheci nesse pouco tempo de convivência entre os canetinhas, que tem a mente aberta para abordar temas como o proposto aqui.

O fato de se arriscar a encarar tal desafio já o credencia como um candidato a rebelde ou revolucionário em meio a seus pares. Sim, porque aqui ele já esclarece que essas palavras têm significados diferentes.

Além de mostrar como é possível entender as definições de cada tipo de personagem, Raul conta a importância que rebeldes e revolucionários têm no sentido de corrigir muita coisa que esteve e está errada, e algum dia poderá ou não melhorar.

Poderá ou não, é verdade, mas apresentar tais diferenças e mostrar o quanto produtores rebeldes e revolucionários podem ser já é um bom passo para animar os que acreditam em um mundo mais justo.

Os que não conhecem as histórias de Afonsinho e da Democracia Corintiana devem ler o livro que irão entender o que eu quis dizer no parágrafo acima. Quem já conhece certamente já está ansioso para mergulhar nessa obra porque ela enriquece ainda mais cada uma delas por ampliar a discussão.

E colocar em pauta essas histórias para todos nós discutirmos é o grande mérito do Raul, ou será que está tudo certo como está?

Democraticamente, eu acho que não está tudo certo na sociedade e no futebol em que vivemos. E você? Antes de dar sua opinião, é bom dar uma lida nesse livro...

Fernando Poffo

REBELDIA FUTEBOL CLUBE - RAUL ANDREUCCI

REBELDIA

FUTEBOL

CLUBE

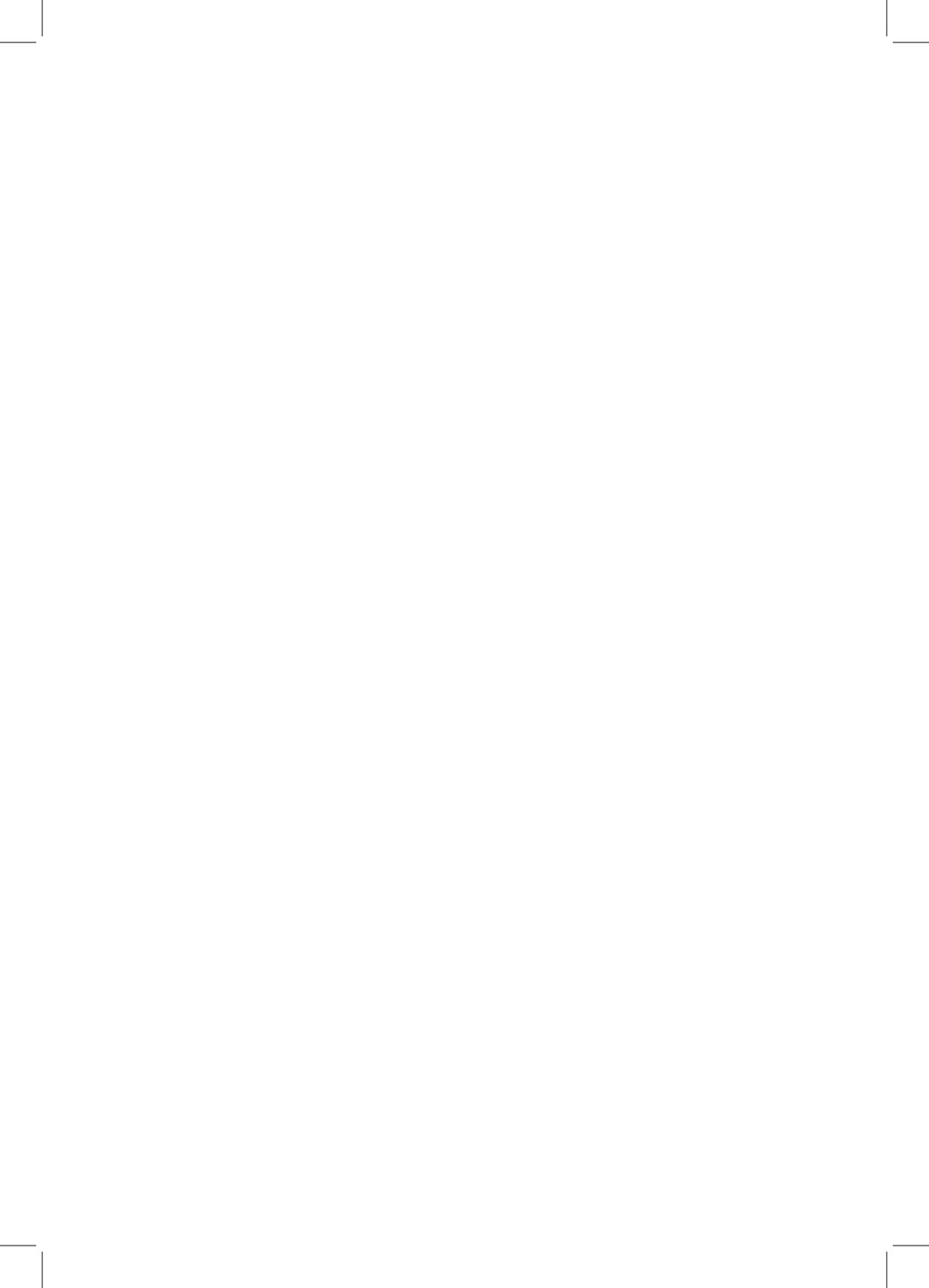


RAUL ANDREUCCI



REBELDIA FUTEBOL CLUBE

RAUL ANDREUCCI
ARTES E DIAGRAMAÇÃO: CÉSAR CUNINGHANT



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CURSO DE JORNALISMO
PROJETO EXPERIMENTAL (TCC)

REBELDIA FUTEBOL CLUBE

AUTOR: RAUL ANDREUCCI
ARTE E DIAGRAMAÇÃO: CÉSAR CUNINGHANT

ORIENTAÇÃO EDITORIAL: HAMILTON OCTAVIO SOUZA
ORIENTAÇÃO GRÁFICA: VALDIR MENGARDO

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E FILOSOFIA - COMFIL
RUA MONTE ALEGRE, 984 - PERDIZES - TELEFONE: 3670-8205
CEP: 05014-901 - SÃO PAULO (SP)

NOVEMBRO DE 2008



Para o meu clown



ÍNDICE

	<i>Página</i>
Prefácio	11
Lide	15
Bússola	17
1. REBELDIA E REVOLUÇÃO	19
1.1 Qual a diferença?	21
1.2 Existe desde sempre?	26
1.3 Tem no Brasil?	30
2. AFONSINHO	35
2.1 Quais as raízes de tudo?	37
2.2 O começo do fim?	40
2.3 E agora, Afonsinho?	47
2.4 Existe vida após a rebeldia?	50
2.5 Ao vivo e a cores?	52
3. DEMOCRACIA CORINTIANA	55
3.1 Afonsinho: exemplo?	57
3.2 Quem é o herói?	59
3.3 Mil maravilhas?	62
3.4 Culpa de quem?	67
3.5 Fim?	71
3.6 Único?	73
3.7 Quem é Sócrates?	76
4. E HOJE?	79
4.1 Acabou?	81
4.2 Temos rebeldia hoje?	82
4.3 Engana que eu gosto?	88
4.4 E agora?	92

LIÇÃO DE VIDA	95
Entrevistados	99
Referências Bibliográficas	103
Agradecimentos	105

PREFÁCIO

Existe rebeldia ou revolucionários no jornalismo hoje em dia?

Sei que não é essa a questão deste TCC. Mas eu me ative a este pequeno detalhe ao ler este livro-reportagem escrito pelo Raul. E acredito que ele também deve ter se perguntado em algum momento da execução desta obra, em alguns de seus bate-papos com as fontes utilizadas para exemplificar e embasar este estudo, que como o próprio autor indica, ainda está imaturo e pode render mais frutos.

Realmente, é mais fácil tentar analisar o ambiente dos outros do que olhar para o nosso próprio umbigo. Mas é isso que faz a profissão do jornalista ser tão interessante, tão desgastante, tão relevante e tão odiada por quem não é jornalista e não gosta de ver os mais sórdidos detalhes (tanto para o bem quanto para o mal) revelados. Seria necessário ter um jornalista do jornalista para discutirmos questões da nossa classe.

Mas voltando à pergunta inicial deste humilde prefácio, a resposta é: não, mas pode ser que surja.

Assim como vocês vão ler lá mais à frente, rebeldes e revolucionários (tanto os indivíduos quanto os acontecimentos) aparecem quando o momento é propício e tudo se confluí para que apareçam, quando se pede uma daquelas interferências para restabelecer a ordem, digamos. Olhe que ironia escrita, um revolucionário para restabelecer a ordem.

No jornalismo e no futebol não testemunhamos (até este mês de novembro de 2008, para ser específico) a necessidade de um rebelde ou revolucionário. Mas em diversos momentos já presenciei atitudes revolucionário do estudante, estagiário e agora colega de profissão.

Por diversas vezes tive com ele papos sobre o dever do jornalismo, a pose de paladino da justiça (como ele várias vezes gosta de se

referir aos “heróis da escrita”) e as críticas ao comportamento de nossos pares. Lembro-me de, durante as Olimpíadas de Pequim, compartilhar com ele a revolta de ver nossos colegas de profissão da emissora mais poderosa do país na busca incessante pelo choro de um brasileiro derrotado ou que tenha tido sua vara garfada em solo chinês. Aliás, será que a Fabiana Murer recebeu aquela carta, Raul?

Pois é. Em alguns momentos eu vi traços rebeldes e revolucionários em quem escreveu essas páginas ainda não tão profundas sobre o tema. Rebeldia e revolução têm tudo a ver com a pessoa e o agora jornalista Raul. Por várias vezes já o vi descontente com o sistema, com a maneira com que contamos o cotidiano do esporte mais praticado e assistido do país e com as nuances do trabalho. E por várias vezes presenciei seus momentos “non-sense”, suas perguntas simples, diretas e sem pudor e toda a sorte de comportamento fora do status quo (como queiram chamar), que lhe renderam o apelido de Mito, usado mais tarde no personagem que já lhe deu ânsia de matar por não ter 100% de liberdade.

Não sou um Mestre Yoda da vida para decretar que Raul tem um lado revolucionário escondido e que em alguma hora irá aflorar. Mas aposto que esse assunto não pára aqui. Não só porque ele já me disse que vai tentar um mestrado para continuar o tema, mas porque eu conheço a figura e sei que seu lado insistente e metuculoso (as vezes até metódico) não vai deixar que este estudo fique apenas nos 15 minutos iniciais da partida (para usar um termo bem chavão do nosso meio).

Quanto ao livro, confesso que sou uma das pessoas que chutaram alguns nomes de possíveis casos rebeldes (e que de rebeldes não são nada) exemplificados na última parte do estudo. E confesso também a minha ignorância a respeito da história de Afonsinho. Fico agradecido pelo que aprendi lendo este livro. Aliás, uma das leituras mais satisfatórias e rápidas que eu já fiz. Parecia que estava sentado num bar o ouvindo contar as aventuras de entrevistar Sócrates, Afonsinho, PVC, Mauro Beting, Paulo César Caju e todas as outras fontes usadas. Aliás, se vale a dica, se você, leitor, tiver a chance de ouvi-lo contar como foi cada uma dessas entrevistas, não perca tempo. É bom compartilhar esta experiência e ver o

entusiasmo nos olhos de um jornalista recém-formado orgulhoso do que acabou de descobrir.

Boa leitura.

Fernando Souza



LIDE

Eu sempre gostei de futebol, desde moleque. Cresci acompanhando o meu time, mas muitas vezes me distanciei por falta de paciência para acompanhar ou aturar a má fase do São Paulo. Houve épocas em que até achei ser viciado e um verdadeiro conhecedor do assunto. Hoje sei que não sou nem um nem outro. Aprendi a lidar melhor com a paixão e o distanciamento me ajudou a ver o esporte como algo além do jogo. Mais do que isso, aos poucos consegui ver o futebol como objeto de estudo.

Por isso, desde que entrei na PUC-SP sempre soube que acabaria por fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o tema. Já trabalhava no LANCE! e só precisava descobrir uma maneira de juntar aquilo de que eu gostava com a minha área, o Jornalismo, e as Ciências Humanas que sempre me atraíram (Sociologia e História). Não lembro exatamente como, mas cheguei à dúvida que nortearia este livro: por que o futebol ainda tem problemas e ninguém parece se incomodar ou fazer alguma coisa em relação a isso? Daí vieram questões secundárias, até mais interessantes, como: será que existe rebeldia no futebol? O que seria uma rebeldia no futebol? E por aí foi, até virar o que virou.

A diferença deste TCC é que, assim como os contestadores que serão apresentados aqui, ele não pode ser catalogado. Não é nem um livro-reportagem, nem uma monografia. Talvez seja uma mistura dos dois, algo acima de ambos até. Porque não se limita a ser uma grande reportagem ou a apresentar um tema caro à Academia. Preocupei-me em debater a questão da rebeldia e da revolução no futebol, apresentar casos, deixar idéias no ar e levantar a discussão sobre o que acontecer na atualidade.

Aproveite, reflita e conteste!

Raul Andreucci



BÚSSOLA

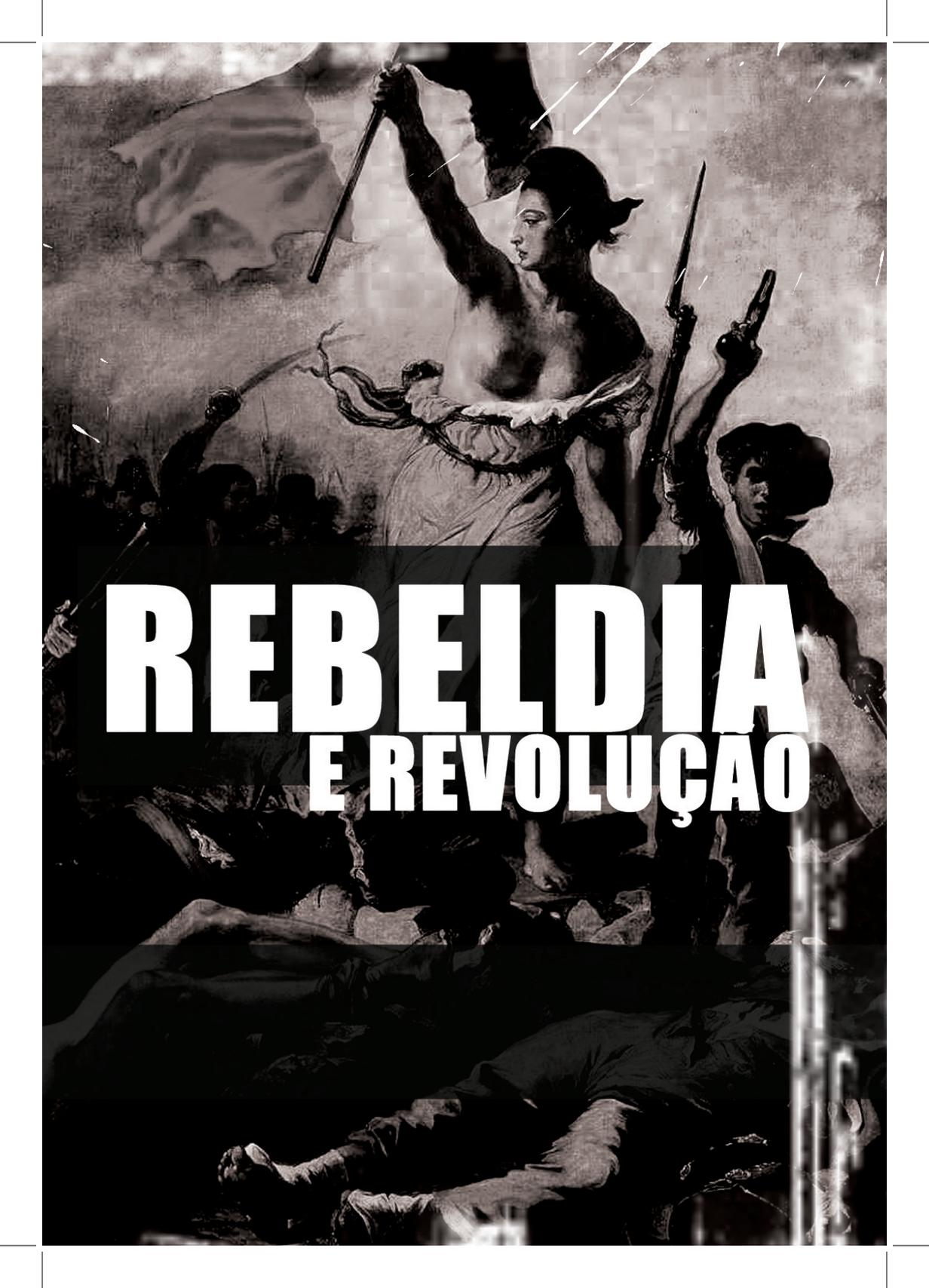
Não queremos que ninguém se perca, certo? Então é melhor entender as instruções antes de se jogar.

A prerrogativa do trabalho é que não existe rebeldia ou revolução no futebol brasileiro hoje. Para discutirmos isso, precisamos começar entendendo o que é rebeldia e o que é revolução. Começamos tentando limpar o terreno, deixando o mais claro possível o que se pensa sobre cada conceito e qual a minha posição.

Entendido isso, damos uma rápida passada pela história do rebelde no futebol no geral, na sua origem, até chegar ao Brasil. Em solo nacional, damos uma pequena aprofundada em dois dos casos considerados os mais importantes de contestação.

Já sabendo o que é rebeldia/revolução, como ela surgiu e começou, compreendendo melhor os casos mais emblemáticos no país, aí sim podemos chegar ao capítulo final. É nele que a gente pode discutir, amparado no material anterior, se há ou não rebeldia no futebol brasileiro hoje. Eu tenho a minha opinião, mas ela não é uma verdade absoluta. Então cabe a você ler, ficar em dúvida e questionar. Estou esperando.





**REBELDIA
E REVOLUÇÃO**

A rebeldia é que muda o mundo (Afonso)

1.1 QUAL A DIFERENÇA?

Você pode até ter uma idéia de qual a diferença entre rebeldia e revolução, mas, sinceramente, apostaria sua vida nisso? Duvido! Não se preocupe. Você não é o primeiro com cara de dúvida. Era esta também a minha feição, no começo do trabalho. Eu queria falar daqueles que contestavam o poder. O problema era se personagens e fatos em questão deveriam ser classificados como rebeldes ou revolucionários.

Cheguei a uma conclusão inicial, baseada em conhecimentos anteriores, ainda da época de colégio, de que deveria ficar com rebelde. Lembrava que revolucionários eram aqueles que pretendiam (independentemente de conseguir ou não) uma mudança radical das estruturas. Tamaña arrogância e certeza, sem uma imprescindível verificação por pesquisa em livros e/ou mediante entrevistas, renderam uma saia-justa no começo do bate-papo com Sócrates*, conforme reproduzo abaixo:

RAUL: Então, Sócrates, primeiro, eu queria saber o seu conceito de rebelde, já que a Democracia Corintiana foi um movimento rebelde e...

SÓCRATES: Rebelde, não! Revolucionário...

RAUL: Ah, é tudo a mesma coisa.

SÓCRATES: É um pouquinho diferente, vamos ver o dicionário (risos).

* Os convidados que concederam entrevistas exclusivas a este trabalho serão indicados por asteriscos. As notas de rodapé numeradas dizem respeito a indicações de referências bibliográficas. Ao final deste trabalho (pg. 98), há uma relação dos entrevistados, com data, local e ficha técnica.

RAUL: Tá, então qual é a diferença?

SÓCRATES: A diferença?

RAUL: É, a diferença.

SÓCRATES: Rebeldia geralmente não tem causa. Revolução é uma causa muito justa.

RAUL: Mas essa é a sua definição ou a do dicionário?

SÓCRATES: É a minha. A do dicionário nós vamos ver depois (risos).

Apesar de ganhar uma boa anedota, tive de me endireitar. E a primeira coisa a fazer, claro, foi correr ao pai-dos-burros.

“Rebelde: que ou quem se rebela ou rebelou; amotinado, revoltoso; que ou quem não se submete, não acata ordem ou disciplina; insubordinado.

“Revolucionário: referente ou próprio de revolução [ato ou efeito de revolucionar (-se), de realizar ou sofrer uma mudança sensível]; que se caracteriza pela inovação, pela originalidade, pela possibilidade de renovar os padrões estabelecidos; ousado”¹.

Infelizmente, não ajudou lá muita coisa, como você viu. As duas explicações são bem parecidas. Foi então que percebi: estava procurando no dicionário errado! Tinha de ir direto a um daqueles especializados.

“Hector Bruit define uma revolução como um fenômeno político-social de mudança radical na estrutura social”².

1 Versão eletrônica do Dicionário Houaiss, disponível no portal UOL: <http://educacao.uol.com.br/dicionarios/>

2 Conceito retirado do livro Dicionário de Conceitos Históricos, de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (São Paulo, Contexto, 2005).

Pronto. Estava aí uma definição de revolução que batia com aquela de que eu me lembrava. Mas e quanto à rebeldia? Agora o momento era de recorrer aos universitários, ou melhor, aos intelectuais. Hilário Franco Júnior* foi essencial pra esclarecer a diferença entre os conceitos:

Rebelde é aquele que se coloca contra uma determinada situação social, política, econômica, cultural, pedagógica. É o que não aceita o status quo, a situação presente. O rebelde não tem uma postura filosófica mais aprofundada e mais clara por trás da sua contestação. Ele é contra o que está aí, mas não sabe bem o que é que deveria estar no lugar. O revolucionário não só quer inverter [a determinada situação], pôr aquilo de ponta cabeça, como tem uma proposta ideológica. O revolucionário atua num campo mais global, quer uma nova sociedade. O rebelde atua na maior parte das vezes nos sistemas de valores, nos comportamentos, nos hábitos da sociedade. Fica contra aspectos da realidade. O revolucionário está contra a realidade como um todo.

Agora sim. Tudo entendido, é chegada a hora de eu me decidir com que palavra sigo adiante neste trabalho, certo? Errado. Por via das dúvidas, por mais que não tenha sido assim planejado, fico com as duas e explico. O futebol brasileiro teve em sua história rebeldes e revolucionários. Tanto gente que contestou um aspecto essencial do sistema do esporte, como fez Afonsinho, precursor na luta contra o Passe, como movimentos que pretendiam subverter a ordem vigente, caso da Democracia Corintiana. Não há como escolher apenas uma das duas palavras para direcionar um trabalho que quer discutir as formas de contestação, sejam elas mais profundas, pensadas e globais ou pontuais e localizadas. Não há motivo para fechar hermeticamente os casos em apenas um conceito.

Um mesmo movimento ou personagem pode ser rebelde e revolucionário. A postura pode mudar conforme trajetória, interesses e também ser mais de acordo com um conceito em diferentes momentos da sua própria história ou do contexto em que está inserido. Como você bem viu, foi difícil chegar a uma definição que diferenciasse os dois vocábulos, exatamente porque a linha é tênue. Não adianta etiquetar se a dinâmi-

ca de cada processo é muito maior do que uma análise reducionista. Por isso, hei de concordar mais uma vez com Hilário Franco Júnior:

É difícil ter um material fidedigno que, com segurança, vai te permitir analisar e rotular personagem X ou Y. Então, a gente meio que percebe se é um ou o outro.

Claro que você pode discordar da minha opinião sobre o que são e quais as diferenças entre rebeldia e revolução. E até será melhor se isso acontecer, já que ajudará no debate do tema. Mas é preciso que fique combinado entre nós a partir daqui que, pelo menos neste trabalho, é desta maneira que os dois conceitos serão interpretados: como foi explicado por Hilário Franco Júnior e com a consciência de que um mesmo caso pode ter momentos diferentes. Se cada um for querer entender as diversas elucubrações com o seu conceito ou com interpretações de terceiros, que podem muito bem ter sua coerência, mas que não os escolhidos aqui, com certeza as confusões aparecerão.

Não é uma questão de duvidar do seu conhecimento. É simplesmente uma questão de uniformizar a idéia para facilitar o nosso diálogo. Até porque vai ter gente, e não precisa se martirizar se você for um desses, que entende o rebelde ou o revolucionário como o jogador indisciplinado, o baderneiro. Julio Cesar* é um deles:

O rebelde é aquele que chega atrasado nos treinos, não gosta de concentração, não respeita o treinador e os companheiros. É totalmente negativo ao grupo. E a ele mesmo, que faz coisas erradas e não se ajuda.

O goleiro do Corinthians não foi o único. Outros entrevistados também viram no cidadão que atrapalha o time um ser rebelde. Não está errado. Mas é uma situação hipotética muito genérica. Depende em que circunstâncias ele está cometendo as indisciplinas e o porquê delas. Indisciplinas não significam necessariamente rebeldia.

É importante reparar na fala de Julio Cesar porque mostra como é visto o rebelde hoje. Isso mesmo, como é visto, não entendido. O rebelde

não é compreendido como alguém que quer mudar, melhorar. Pelo contrário, é dado o rótulo a quem não se enquadra ao sistema organizacional do futebol brasileiro, a quem foge da regra, seja numa indisciplina pela indisciplina, seja numa declaração polêmica, por ignorância do autor ou sede pelo holofote. O rebelde foi reduzido ao indisciplinado, ao baderneiro, ao cara que quer ver o circo pegar fogo porque é legal ver o circo pegar fogo. Certo, PVC*?

São duas coisas que acabam ficando misturadas. É como se todo mundo que fosse tomar alguma atitude contra o status quo fosse o mesmo imaturo. E às vezes não é.

Estamos entendidos?

1.2 EXISTE DESDE SEMPRE?

Se você quer data e nome exatos da primeira rebeldia ou revolução no futebol, esqueça. Não há registro disso. Ou melhor, sendo mais cauteloso, pode até existir, mas não foi possível averiguar com a profundidade necessária, vasculhando arquivos de toda ordem e série. Tanto em nível mundial como nacional. O que eu tenho para oferecer são percepções, baseadas na pesquisa feita para este trabalho. Há algumas suposições que faço, inclusive, com ótimos argumentos a favor e contra.

A começar pelos primórdios do futebol. Há alguns, eu incluso, que entendem o futebol como rebelde já na sua essência. Porque, antes mesmo de surgir toda uma estrutura institucional para organizá-lo, aparentemente o principal campo de contestações de poder e correlação de forças – o chamado fora de campo -, já existia lugar para rebeldia dentro de campo, na forma como se desenvolvia o jogo.

Por volta de 1830, quando já se praticava o futebol na Inglaterra – mas ainda sem as regras oficializadas (o que aconteceria em 1863) -, até meados de 1870, a tática era o ataque. Ainda não existia a figura do goleiro (surgiria em 1871) e os times jogavam no 1-10, sendo 1 o único defensor e 10 todos os atacantes. Você há de convir que todos esses atacantes não iam simplesmente ficar passando a bola um ao outro como quem diz “Não, por favor, primeiro você. Não quero fazer gol”. Em algum momento era preciso uma faísca de individualidade, algum drible, alguma coisa diferente que ludibriasse o adversário, para derrotá-lo e marcar o gol. Mesmo nesse jogo coletivo, desobedecer à tática, não tender aos pedidos dos companheiros quem sabe melhor colocados, e ainda iludir o adversário, subvertendo a ordem do que ele imagina será o seu próximo lance...é uma rebeldia. Não é a rebeldia que se veria mais

tarde, contra o *status quo*, mas é, talvez, a primeira rebeldia do esporte, a que se pedia à sua prática e ao seu desenvolvimento no contexto.

No período 1830-1870, mais ou menos, jogava-se principalmente neste estilo, chamado pelos ingleses de *dribbling game*, no qual, segundo Hilário Franco Júnior, “o desempenho pessoal era mais importante que o coletivo”³. O fato de o futebol ser rebelde na essência não deixa de ser um ponto a ser discutido. Porque não precisa nem procurar muito, eu já encontrei quem concorde comigo, como Mauro Beting*:

O futebol é rebelde, ponto. É muito mais importante criar do que obedecer. A própria estrutura, a maneira como o futebol é já pede que você seja rebelde por natureza.

Só não vamos entender errado. Não significa que só porque tínhamos o *dribbling game* que a maioria dos jogadores saía por aí fazendo firula, numa coisa de arte pela arte. Temos mania de sempre achar que antigamente era diferente, que o futebol era muito mais bonito, mais plástico – e pode até ser que fosse mesmo, mas aí é que as pessoas soltam aquela frase para lá de equivocada – e todo mundo jogava sem se importar com o resultado. Mentira. O drible pode até ser uma manifestação de rebeldia, mas tinha um objetivo: marcar gols e vencer a partida.

O espírito do resultado, da preocupação em ganhar, portanto, é muito mais antigo do que se imagina. Existia nesta época do *dribbling game* não à toa. Afinal, foi um esporte que se desenvolveu no ápice da Revolução Industrial, focada muito mais no fruto da produção do que no processo para chegar ao que se queria. É como diz Hilário Franco Júnior: “a história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações”⁴. Tanto é assim que os próprios ingleses não demoraram muito para abandonar seu estilo de jogo e adotar o dos rivais escoceses, o *passing game*. Preciso dizer o motivo? Porque eram fregueses dos vizinhos. Nos dezesseis primeiros duelos entre as duas seleções, superioridade

3 Hilário Franco Júnior, *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura* (São Paulo, Companhia das Letras, 2007).

4 Informação do livro de Hilário Franco Júnior, *A dança dos deuses*, cit.

total da Escócia: dez vitórias, quatro empates e só duas derrotas. O *passing game*, como o próprio nome já diz, priorizava o passe, o jogo coletivo e solidário. O drible e a rebeldia dentro de campo não deixaram de existir, claro, mas, como em outras épocas do futebol, foram colocados em segundo plano. Porque a adesão ao estilo foi um dos primeiros indícios claros da preocupação maior com o ganhar do que o competir.

Verificar-se-ia o aumento da ansiedade pelo resultado poucos anos depois, na própria Inglaterra, mais precisamente em 1885, quando a Football Association (Federação de Futebol) aceitou a profissionalização, sendo que há 20 anos já existiam transferências (não milionárias como hoje) de jogadores, inclusive internacionais. A compra e a venda de atletas, além do interesses de empresários e dirigentes que, muitas vezes, ganham comissões, parecem claros: melhorar o nível técnico do time, vencer jogos e conquistar títulos. A prática de mercado também no futebol foi o primeiro passo para criar as condições necessárias das primeiras manifestações de rebeldia e revolução.

Foi a gana pela vitória dos times ingleses que fez com que sua federação aceitasse as transferências. E foi aos poucos que a vontade de vencer fez com que reconhecessem a massificação do esporte, essencialmente elitista em sua origem, para poder contar com jogadores talentosos de origem pobre e, pouco depois, para receber por ingressos – e lucrar, obviamente – em partidas e campeonatos.

Essa apropriação do futebol, praticado pela classe média baixa, o operariado inglês e nas escolas públicas a partir de 1870, porém, não constitui uma rebeldia. Talvez você nem tenha cogitado essa hipótese, mas eu cogitei. Imaginei que o povo, digamos, por tornar o esporte uma ferramenta de ascensão social, ganhando dinheiro com transferências, sendo valorizado por jogar bola, além de ajudar a reconfigurar a prática, de certa maneira, significariam uma inversão de valores, do status quo. Fui dissuadido por Hilário Franco Júnior:

É apenas um processo de evolução sociológica do futebol que acontece em relação a outras coisas. O cara quer ter acesso a uma coisa que ele

não tem. O subir na vida não é rebeldia. Se você tenta destruir aquele modo de ser atual por paródia, fazendo o contrário é rebeldia. Quando você quer fazer igual, copiar, não pode ser rebeldia.

Em suma, independentemente da divergência acima, deu para entender que o futebol logo se transformou em negócio, certo? Porque é este o ponto crucial. Como em qualquer outro negócio, estabeleceu-se uma relação entre patrão (dirigente) e empregado (jogador). Uma relação que, historicamente, não é das mais amigáveis. Quem está acima na hierarquia quer sempre mais produção por um custo menor. Quem está por baixo vira e mexe se indigna com o seu salário, considerado insuficiente pelo que passa diariamente. Uma hora essa insatisfação explode e surge o conflito. Conflitos que às vezes podem ser pontuais e isolados ou organizados e pensados. Podem ser uma rebeldia ou uma revolução. E, veja você, acontecem tanto em fábricas como no futebol.

Tudo bem, os níveis de revolta, reivindicações, organização e conquistas entre os empregados de todo tipo de empresa e o futebol são diferentes. E aí, apesar de semelhanças e pontos em comum, entram uma série de particularidades em cada país. O que nos serve de pretexto para sair do macro e ir para o micro, ou melhor, o Brasil. Shall we?

1.3 TEM NO BRASIL?

O Brasil sofreu um processo parecido com o da Inglaterra. Começou sendo praticado pela elite e depois foi apropriado e reconfigurado pelo povo. Também existiu uma relutância em sua profissionalização, imposta pela Lei do Passe a partir de 1933⁵ (o que chegou a gerar rachas na Ligas paulista e carioca). Já existiam transferências de jogadores antes da data, mas elas se intensificaram a partir daí. E, com times mais populares, como Corinthians e Vasco, com negros e pobres e conquistando títulos, o preconceito das elites foi ficando de lado, como explica Hilário Franco Júnior:

A popularização acaba acontecendo por necessidade das próprias elites, porque se quer ganhar, descobre que o povão tem habilidade inata, então vai lá e contrata um mulatinho e o seu rival contrata dois. A própria elite, por concorrência interna, abrindo espaço pra trazer os jogadores.

Qual a diferença entre Brasil e Inglaterra, então?

Começa pelo modo como são as relações de trabalho no país. Por termos um passado colonial e fortemente escravocrata, é difícil o povo (os empregados) se sentir no direito de questionar o poder (enfrentar o patrão), até hoje. E isso já na relação jogador-técnico. Quantos não chamavam o treinador de “o homem”, “homão”, numa evidência do distanciamento e respeito - até temor - exagerado pelo chefe mais próximo? Muitos! O que dizer então da relação jogador-dirigente? Praticamente inexistente. Quer dizer, existente, mas totalmente unilateral, ditatorial.

5 Cláudio Nogueira, Futebol, Brasil, memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (Rio de Janeiro, Senac Rio, 2006).

Não é de se estranhar, portanto, que tenha sido a Lei do Passe a responsável por regulamentar a relação entre os jogadores de futebol, na condição de empregados, e os clubes, na posição de empregadores, por longos 65 anos (1933 a 1998). A Lei do Passe permitia, como consta em seus anais, “praticar o futebol sob a subordinação de empregador”, mediante “qualquer modalidade de remuneração”. O atleta estava completamente à mercê do dirigente, que era quem decidia salário, tempo de contrato, se seria emprestado e/ou vendido e para quem. Ou seja, o Passe era um direito de posse, do clube sobre o atleta, reduzido à condição de mercadoria, objeto, escravo mesmo.

Um estudo de 1996 da Câmara dos Deputados⁶, dois anos antes da extinção do Passe, concluía algo mais do que óbvio há muito tempo:

O profissional não pode escolher livremente o seu empregador.

Era assim mesmo. Não só parecia um absurdo, como era. As razões para que os jogadores aceitassem isso, ou pelo menos não se manifestassem contra - ou se manifestassem contra tão veementemente - podem ser várias. E aí entramos nas especulações. Já que na época da criação do Passe (1933), atletas nem sempre falavam o que realmente sentiam, percebiam e queriam. Não é de hoje que a imprensa exerce influência a ponto de inibir o entrevistado, principalmente pela repercussão que pode ter e ser dada às suas palavras. E são os registros nos periódicos que servem de subterfúgio para entender melhor a época. É difícil apontar os motivos dos que se abstiveram, dos muitos que preferiram se adequar a se opor. Uma declaração de Leônidas da Silva⁷, jogador das décadas de 1930 e 1940, parece ser uma exceção ao tempo:

Jogador não é escravo.

6 Disponível em:

<http://apache.camara.gov.br/portal/arquivos/Camara/internet/publicacoes/estnottec/pdf/200500.pdf>

7 Informação do livro de Hilário Franco Júnior, *A dança dos deuses*, cit.

O que reduz, pelo menos até o momento, a nossa discussão aos contestadores, àqueles que tentaram de alguma maneira apontar o que estava errado ou fazer alguma coisa em relação a isso. E eles aparecem principalmente depois da criação do Passe. É bem possível que existissem rebeldes e/ou revolucionários antes disso. Mas entrevistados e livros apontam os primeiros sinais de contestação após o período.

Com a relutância dos times em aceitarem e se enquadrarem à profissionalização, alguns jogadores, como Fausto dos Santos, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, aceitaram propostas do exterior⁸. Será que eles podem ser considerados rebeldes por tal atitude? Provavelmente não. O trio não aceitou o status quo e até o questionou indiretamente saindo dele, mas, ao mesmo tempo, parece mais uma fuga de uma condição de trabalho aparentemente considerada ruim para uma melhor. Seria preciso se aprofundar, assim como em outros pontos, na biografia deles. O que não tira dos três, além de uma qualidade acima da média, como contam historiadores, a característica de serem audaciosos e menos cordeiros.

Destaque maior para Fausto, que em 1936, já no fim da carreira, tentou forçar sua saída do Flamengo, contestando o poder dos dirigentes, no primeiro confronto do tipo de que se tem notícia. É bem verdade que ele não saiu vencedor na peleja e teve de pedir desculpas em público para poder voltar a jogar, mas foi o primeiro ato rebelde de um jogador brasileiro, certo, José Paulo Florenzano*?

É incrível perceber que logo na implantação, o profissionalismo já é um reflexo da luta do atleta para receber pela arte que exhibe. E o Fausto da Silva é um precursor na luta contra o Passe. Normalmente se atribui esse papel ao Afonsinho [que veremos mais adiante], mas o Fausto tem uma importância enorme nessa história. Este momento [década de 1930 e 1940] é, aliás, privilegiado para começar a rastrear a questão [da rebeldia]. Há grandes nomes se checando contra o instrumento do Passe, e aí certamente uma pesquisa vai revelar outros casos.

8 Mário Filho, O negro no futebol brasileiro (Rio de Janeiro, Mauad, 2003).

Infelizmente, não há tempo hábil para isso num Trabalho de Conclusão de Curso. E isso não é uma desculpa, é uma constatação óbvia - que, claro, poder ser corrigida com uma atualização posterior. Inclusive para tentar certificar quem, afinal de contas, foi o primeiro rebelde de terras tupiniquins. Já que, para Hilário Franco Júnior, teria sido Heleno de Freitas, do Botafogo entre 1937 e 1948.

Era o rebelde elegante, diferente de um Afonsinho ou Edmundo. Um cara de uma boa posição social, que gostava de freqüentar rodas sociais importantes. Mas que é justamente rebelde porque vai contra o esquema de funcionamento do futebol, ele não age como um futebolista, e sim como artista de cinema, novela, como uma personagem pública de um outro tipo dentro desse mundo do futebol. Heleno de Freitas era o cara bonito, mulherengo. E era esse rebelde contra as normas de um mundo do futebol já nesse momento meio pobretão, não valorizado socialmente, com muita gente da época achando que era coisa inferior; violento e que devia ser proibido. Ele, de repente, aparece ali e fala, “olha, no meio do futebol tem uma figura como eu.

Fora essa discussão do precursor, gostaria de me aprofundar não só na dupla supracitada, mas em figuras contestadores como Almir Pernambuquinho, Reinaldo, Paulo César Caju e outros. Agora, porém, por falta de tempo, como já disse, teremos de nos concentrar em dois casos, os principais de rebeldia/revolução da história do futebol brasileiro. Assim considerados por mim e pelos entrevistados: Afonsinho e a Democracia Corintiana. Apesar da modéstia do próprio Afonsinho*:

Eu não sei se são principais, mas parecem os mais conseqüentes.

Vamos pôr isso a limpo nos próximos capítulos, combinado?





AFONSINHO



Pelo menos por uma vez foi derrubado o domínio dos dirigentes
(Afonso)

2.1 QUAIS AS RAÍZES DE TUDO?

Arnaldo Ribeiro* acredita que o rebelde é sempre rebelde. A vida inteira dele é feita de contestações, uma aqui, outra acolá, algumas maiores e mais importantes, outras menores e secundárias. E a mesma pessoa que é rebelde no futebol poderia sê-lo em qualquer outro campo da sociedade, independentemente da sua escolha profissional, religiosa, sexual. Afonsinho, ou Afonso Celso Garcia dos Reis, hoje com 61 anos, concorda e não se incomoda nenhum um pouco com isso:

Tomara que eu seja rebelde, porque considero isso um elogio. Pago por isso, mas é muito melhor. É como dizia o Nilton Santos: “Procuro estar bem comigo mesmo”.

O espírito rebelde de Afonsinho, por assim dizer, não surgiu do nada. E é bom resgatar sua origem antes de apresentar a luta pelo Passe Livre. As principais influências vêm de casa. Com o pai, José dos Reis, ferroviário em Marília – já falecido -, teve o primeiro contato com a rebeldia, acompanhando de perto, ainda que menino, a agitação política do operariado. Teve, até, seu primeiro exemplo de rebelde: “seu Wilson”.

Era um amigo do meu pai, um líder grevista que eu admirava intensamente, mesmo sendo muito novo. Até hoje eu tenho a lembrança dele.

Com a mãe, Isabel Garcia Reis, Afonsinho aprendeu a importância da liberdade, de viver de maneira equilibrada, sem invadir o espaço dos outros, sempre respeitando e ajudando.

Essa coisa muito intensa que a minha mãe sempre teve e a inteligência do meu pai foram fundamentais na minha formação.

Foi com essa cabeça que Afonsinho começou a jogar futebol. E já no interior de São Paulo, por voltas dos 15 anos, ficou de olho nas tentativas de se estabelecer qualquer vínculo trabalhista, o que o deixaria preso ao clube pelo mecanismo da Lei do Passe.

Meu pai nunca aceitou a idéia de alguém ser dono de alguém. Comecei a jogar no XV de Jaú e ele, como meu responsável, não assinou nada.

Afonsinho não assinou com o XV de Jaú, mas logo teria de ceder se quisesse se profissionalizar. Destaque do clube da cidade em que se criou, logo começou a ser sondado. O Guarani de Campinas, hoje na Série C do Brasileiro, mas campeão nacional (1978) e à época tido como um dos grandes do cenário, foi um dos interessados. Mas a dúvida do garoto ficou mesmo entre o Santos de Pelé, àquela altura já bicampeão mundial (1962-1963), e o Botafogo de Garrincha, bicampeão carioca (1962-1963) e com outras estrelas da Seleção Brasileira como Didi e Nilton Santos. Sem dúvida, dois dos maiores esquadres do país na época. O fascínio pelo Rio de Janeiro, porém, foi fator decisivo na escolha.

Assim, em 1965, Afonsinho mudou-se de mala e cuia para treinar em General Severiano. Exatamente, mudou-se apenas. Nada de assinar contrato ainda. Não que isso fosse possível, já que Afonsinho ainda era menor de idade. Os clubes, porém, sempre que conseguiam, persuadiam os atletas – e isso até hoje – a assinar um contrato de gaveta. É um contrato normal, como qualquer outro, só que assinado antes da hora e só trazido à tona no momento em que realmente passaram a valer. O que era e é bom para a agremiação, já que serve como uma forma de garantia antecipada. E é algo que é ruim, péssimo, para o atleta, que se compromete antes e, geralmente, fica sem poder de negociação depois.

Afonsinho teve um começo de carreira “bastante promissor (...) conquistando, nas duas temporadas do Campeonato Carioca de Amadores, em 1966, os títulos de vice-campeão e campeão (...). Além disso,

convocado para a seleção carioca, Afonsinho conquistaria também o tetracampeonato brasileiro de amadores (...). À luz dessas conquistas, portanto, depreende-se que o começo em General Severiano apontava boas perspectivas em termos de ascensão na carreira profissional. E, de fato, logo no ano seguinte, Afonsinho já alternava atuações entre os juvenis e a equipe principal (...)⁹.

Eu acho que joguei no profissional uns dois anos sem assinar nenhum contrato, embora se soubesse que qualquer recibo, de bicho, ajuda de custo, já servia para estabelecer um vínculo. Mas contrato de gaveta não assinei... Só quando já não tinha mais como e tive de me profissionalizar. E, não sei se por coincidência, a partir daí é que passei a ter problemas de relacionamento, profissional e depois pessoal, no Botafogo.

9 José Paulo Florenzano, Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro (São Paulo, Editora Musa, 1998).

2.2 O COMEÇO DO FIM?

Afonsinho se tornou profissional pelo Botafogo, mas não titular. O meia sofria com a teimosia do técnico Zagallo, que insistia em manter apenas um armador no time: Gerson. Até quando o titular, futuro campeão mundial com a Seleção Brasileira em 1970, não atuava, o treinador muitas vezes optava por escalar um jogador com mais características de marcação do que de criação, geralmente Carlos Roberto. Até aí tudo bem. Não é sempre que um atleta formado na categoria de base consegue logo de cara uma vaga na equipe. Há comandantes que gostam de colocar os pupilos aos poucos, seja para ganhar maturidade, seja por ainda não confiar plenamente no novato. Algo normal no futebol.

A situação, porém, acabou gerando o primeiro desentendimento entre Afonsinho e a diretoria do Botafogo. Apesar de adorar o clube, o meia tinha propostas para sair e estava propenso a isso, já que queria atuar e não mais permanecer na reserva. A solução veio em julho de 1969, quando Gerson acertou sua transferência para o São Paulo. Todos tinham, desde dirigentes a imprensa esportiva, Afonsinho como o sucessor do veterano. E assim foi, mas por pouco tempo, só até aproximadamente o fim daquele ano.

Antes de uma partida do quadrangular final do Torneio Roberto Gomes Pedrosa¹⁰, em dezembro, Afonsinho procurou um dirigente para negociar o bicho¹¹ no vestiário, já que as tentativas do grupo de conver-

10 Não necessariamente o equivalente ao atual Brasileirão, mas talvez um dos primeiros rascunhos de uma competição nacional. Campeão e vice daquele ano, por exemplo, foram indicados para representar o país na principal competição continental: a Libertadores.

11 Jargão que designa premiação dada aos jogadores pela vitória.

sas anteriores não tinham sido concluídas. Acusado de mercenário¹² pela atitude, Afonsinho teve aí seu primeiro conflito com os cartolas. “Curiosamente, (...) estava em andamento a construção do modelo ideal do novo atleta profissional, sobre o qual recaíam as exigências da aplicação aos exercícios físicos, da obediências às instruções táticas e da disciplina na conduta de vida, dentre outro traços. Porém, estrategicamente, quando se tratava da remuneração desse profissional, os clubes apelavam para o ideal do amadorismo – o amor à camisa. As reivindicações de Afonsinho começavam a incomodar os dirigentes do alvinegro. Como ele recorda:

“... então, é claro que isso foi desgastando. Eles não gostavam de ter um cara... eu era um calo, né?”¹³

Não demorou muito tempo para que Afonsinho batesse de frente de novo com o poder. Em janeiro de 1970, ele se contundiu pouco dias antes da estréia em um torneio amistoso no México. Até se recuperou a tempo, mas foi barrado por Zagallo por não estar, supostamente, em plenas condições físicas, já que teve de ficar por um tempo parado, tratando da lesão. Não é possível saber se a situação foi só uma desculpa do treinador para tirar o meia do time, você sabe, mas a verdade é que à época começava a se valorizar cada vez mais a preparação física, a versatibilidade e a marcação. Todas características que não eram lá as principais de Afonsinho, um meia de estilo clássico, de jogo cadenciado.

Ser barrado foi a gota d’água para Afonsinho. Ele decidiu conversar com Zagallo, que se recusou diversas vezes. O diálogo aconteceu, mas foi quase um monólogo, apenas com o jogador falando. A resposta do técnico, que, óbvio, não gostou de ter sua autoridade contestada, veio nas partidas ainda no México: só colocou o meia para atuar uma vez e justamente nos minutos finais. Era prova de mais uma característica da época, a militarização do futebol, como explica José Paulo Florenzano:

12 Forma depreciativa, usada até hoje, pra indicar o jogador que simplesmente se importa com dinheiro, que não tem amor à camisa, ao clube, e que troca de time sem pudor.

13 José Paulo Florenzano, Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro (São Paulo, Editora Musa, 1998), cit.

Primeiro, falar em militarização no futebol brasileiro implica fazer referência ao contexto histórico: vivíamos uma ditadura militar. Segundo, o modelo da caserna se impõe em várias instituições neste momento, inclusive o futebol. Há profissionais do Exército nos clubes, inclusive na Seleção Brasileira. E, terceiro, a mentalidade característica da caserna, que não comporta diálogo, iniciativa por parte dos subordinados. O Coutinho, em 1978, disse que treinar uma equipe de futebol é como treinar um pelotão do Exército! Claro que a questão da hierarquia é anterior ao Exército, é mais ampla e enraizada na sociedade, não só ocidental, mas na sociedade humana, é um princípio universal. Quando você escolhe uma idéia em detrimento de outra, já está estabelecendo uma hierarquia. Agora, você tem organizações que têm uma hierarquia, mas certamente elas não implicam uma ditadura nas relações sociais, que você não possa discordar, algo que não estava presente no contexto dos clubes na época do regime militar. Se você pudesse questionar o técnico, dialogar, já era visto como ofensa.

Na volta do México, ainda em janeiro de 1970, Afonsinho decidiu parar de jogar, já que estudava Medicina e tinha a perspectiva de se tornar profissional em outra área. Mas logo voltou atrás e desistiu da idéia. Achou que sucumbir ao poder e à força de dirigentes e técnico do Botafogo, deixando de fazer aquilo que mais gostava, seria um erro.

“Achei que... seria muita teimosia, muita burrice, que ia me danar de vez, que ia fazer o jogo dos caras... E fui por aí, eles a fim de me enterrar, e eu a fim de arrumar uma saída, pra conseguir encaminhar a vida... Fui por empréstimo pro Olaria dessa forma. E aí acabou transformando a minha vida”.¹⁴

O empréstimo para o clube do subúrbio carioca durou pouco (três meses), mas foi mesmo importante para o rumo da vida de Afonsinho. Apesar de não conquistar título, fez uma boa campanha com o Olaria e recuperou o gosto de jogar futebol. O curto período ainda foi suficiente

14 José Paulo Florenzano, Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro (São Paulo, Editora Musa, 1998), cit.

para um desentendimento com um diretor, o que encerrava prematuramente sua participação em amistosos com o time no exterior. Mas não encerrava sua viagem; pelo contrário: alongava. Afonsinho aproveitou para rodar a Europa.

“Caminhando como peregrino através das cidades européias recriadas, embora por um breve lapso de tempo, pelo imaginário da revolta estudantil nas barricadas, nos confrontos com o aparelho de repressão, e nas proclamações inscritas nos muros, Afonsinho avançava pelas brechas abertas a golpes de rebeldia por uma geração da qual ele participava, não como mero espectador, mas sim como membro ativo no âmbito do futebol. Com efeito, parece-nos legítimo estabelecer a vinculação entre a rebeldia do jogador e contexto histórico aqui apenas esboçado, quando menos porque ele próprio o evocava ao justificar a postura de contestação assumida contra os dirigentes esportivos”¹⁵

Para Hilário Franco Júnior, inclusive, o fato de Afonsinho ter vivido a época que viveu – por mais redundante que isso pareça – é imprescindível para a sua postura. Claro que não tivemos zilhares de rebeldes, mas os que tiveram, com certeza são fruto da sociedade em que viveram, ajudaram a construir, influenciando e sendo influenciados.

Aquilo não saiu da cabeça dele, a rebeldia está no mundo ocidental dos anos 60. Antes de 68, que é considerado um marco, já tem. É a época de mini-saia, Beatles, rock e drogas. E essa coisa de botar a mochila nas costas e sair andando pelo mundo é típico dos rebeldes dessa época, dos hippies. Mas tá na cara que você não vai mudar o mundo só saindo por aí fumando um baseado, com mochila nas costas e pedindo carona.

E não foi isso o que Afonsinho fez. O meia voltou do Velho Continente e, com o empréstimo ao Olaria encerrado, reapresentou-se ao Botafogo, em julho de 1970, mas não exatamente como deveria. Pelo menos para os dirigentes cariocas, que não gostaram da barba em crescimento e o cabelo mais comprido do que o que estavam acostumados. Os cartolas

15 José Paulo Florenzano, Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro (São Paulo, Editora Musa, 1998), cit.

questionaram o novo look logo no dia da reapresentação. No seguinte, simplesmente impediram que treinasse com o grupo. E assim continuou por todo o mês de agosto e até o fim de seu contrato. Afonsinho todo dia se apresentava ao clube, tinha negado o acesso e, com um programa de treinamento feito pelo preparador físico da época, ia a uma universidade perto de General Severiano e se exercitava, além de umas peladas, para manter a forma. Zagallo e a diretoria só aceitavam reintegrar o jogador se ele cortasse barba e cabelo. O atleta, por sua vez, se recusava terminantemente a ter sua vida controlada por quem era simplesmente seu empregador. A batalha em torno do visual, às vezes reduzida a algo supérfluo, a uma indisciplina, porém, tem um significado muito maior. Juca Kfoury* explica bem o porquê da teimosia de ambos os lados na questão:

É evidente que ali o corte da barba era uma tentativa de domá-lo, porque se ele fosse um cara do sistema, e usasse barba e cabelo, ninguém falaria nada. Mas como ele era um crítico e ainda mais tinha a aparência do crítico, na época em que se usar barba era uma coisa contestadora, a tentativa de domá-lo foi por ali e não conseguiram.

E ainda compraram uma boa briga. Afonsinho esperou o fim de seu contrato e, como o Botafogo, dono de seu Passe, não aceitasse vendê-lo, emprestá-lo ou permitir que trabalhasse, decidiu entrar na Justiça. O meia não agüentava mais:

Era uma coisa que foi crescendo a ponto de se tornar insuportável.

A estratégia do jogador e seu advogado na tentativa de conseguir o Passe Livre, então, começava pela Justiça Desportiva. A primeira instância era o Tribunal de Justiça Desportiva do Rio de Janeiro (TJD-RJ), onde a derrota era dada como certa, pois compunham a corte membros dos grandes clubes do Rio de Janeiro, aliados do Botafogo. Apesar do revés que, como previsto, aconteceu, a disputa jurídica chamou a atenção da sociedade e o caso ganhou grande repercussão. Afinal, vivia-se uma ditadura militar, à época ainda, talvez um dos momentos de maior tensão. Não se pode dizer que todos sonhassem com o fim daquele regime, mas é claro que alguns viviam na apreensão e batalhavam para que isso

acontecesse. E um lampejo de contestação ao poder, ainda mais no futebol, conhecido por seu ranço tradicionalista, despertava o olhar de todos. Afonsinho soube ler bem o porquê do interesse não só de futebolistas:

As pessoas estavam atentas, era um momento em que se procurava sair daquela opressão. Havia um anseio muito grande de se ver livre da ditadura, conseguir formas de liberdade.

Para Hilário Franco Júnior, aliás, a repercussão só atingiu grandes proporções pelo fato de ter como principal personagem Afonsinho:

Não daria pra acontecer uma coisa assim se o Afonsinho fosse um zagueirinho sem importância. Aconteceu porque ele tinha um renome, aí é que deu esse bafáfá todo.

Afonsinho tornou-se assim mais do que um símbolo de rebeldia no futebol, mas também um paradigma de resistência ao poder. Talvez por isso o Botafogo tenha tentado acabar com aquilo tudo o quanto antes, buscando um acordo financeiro, numa tentativa desesperada de apagar o fogo que ele próprio criou e via-se encurralado. Já que com Afonsinho em litígio, o jogador não atuava e o clube não tinha chance de valorizá-lo para uma futura venda. Além, claro, da repercussão que o caso ganhara e dos ares que adquiria, de motivador para qualquer tipo de rebeldia, não só no futebol, mas em todos os segmentos da sociedade, algo horrível para quem estava no comando do esporte e do país.

Assim, não foi preciso ir à Justiça comum. Em 4 de março de 1971, Afonsinho conseguia o Passe Livre no Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), tornando-se não só precursor como também o principal rebelde na história do futebol brasileiro. Vitória individual, mas estendida a toda a classe dos jogadores. Apesar de ser discutível se houve ou não uma seqüência na mudança do esporte no país, é inegável que influenciou diretamente colegas da época, inclusive abrindo um precedente, como explica José Paulo Florenzano:

O Afonsinho recebe uma solidariedade muito forte. O episódio se torna

um caso social para além das fronteiras do futebol. Sua vitória implica uma mudança dentro desse jogo de poder. Abre o caminho para uma série de atletas adotarem um comportamento mais questionador na relação de trabalho. Outros vão entrar na Justiça contra a Lei do Passe, como Raul, Spencer, Jairzinho. O cabelo comprido e a barba ainda vão incentivar vários a uma contestação também pela estética. Então, é uma inversão de poder. Porque constitui um vetor de emancipação do atleta contra a norma que regra o comportamento, contra a idéia do atleta submisso aos comandos de poder, enfim, uma luta em várias frentes.

Afonsinho partiu de um problema pessoal para reivindicar, para se rebelar. Mas sua vitória e suas contestações atingiram o coletivo. Como classificar isso, Hilário?

O que faz a história não é o individual, é o coletivo. É muito mais o coletivo que constrói o individual do que o individual que constrói o coletivo. Não estou querendo diminuir a figura do Afonsinho, mas não é porque ele fez isso que muda a fisionomia do futebol brasileiro, a consciência do esporte, o comportamento de todos os jogadores diante dos clubes. A sociedade estar mudando é que permite aparecer um Afonsinho.

Conhecida a história do nosso rebelde, agora é hora discuti-la.

2.3 E AGORA, AFONSINHO?

“Se indiscutivelmente a rebeldia de Afonsinho impulsionaria as lutas dos jogadores brasileiros nestas duas frentes, contra o Passe e contra a disciplinarização, em contrapartida, a reação do poder consistiria em transformar o exemplo de Afonsinho num anti-exemplo, submetendo-o à uma discriminação velada por ter contestado o Passe, estigmatizando-o como jogador-problema por questionar a normalização disciplinar”.¹⁶

A pergunta que não quer calar, senhores: afinal de contas, de que valeu todo o esforço de Afonsinho? Foi o melhor para ele? O que mudou no futebol brasileiro?

Se me permitem, começo respondendo partindo do particular. Como mostra o excerto acima, Afonsinho sofreu as conseqüências de sua rebeldia. Nunca conseguiu se estabilizar em um clube e peregrinou por Vasco (1971), Santos (1972), Flamengo (1974) e Fluminense (1982), entre outros. Não só porque acabava contestando o poder algumas vezes, como simplesmente seu histórico e a iminente ameaça acabavam por assustar dirigentes. Mas também o agravante de ainda ser dono de seu próprio Passe, o que significava lucro zero para o clube numa negociação, o meia sofria também com o boicote.

Ia chegando perto do fim do contrato e os caras arranjavam um jeito de me encostar. É muito mais difícil se relacionar com o Passe Livre, o clube é muito preconceituoso. Por isso, acho que a minha maior vitória talvez tenha sido, mais do que conquistar o Passe, foi ter levado minha carreira até os 35 anos. Porque eu tive alguns problemas objetivos. Mas nunca me bateu um arrependimento. Eu sou uma pessoa parece que até

16 José Paulo Florenzano, Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro (São Paulo, Editora Musa, 1998), cit.

exageradamente cuidadoso, mais do que o necessário. Eu procuro pensar muito. Eu faço isso e sempre fiz.

Afonsinho pode até estar em paz com a sua consciência, feliz por ter seguido o rumo que sua vida tomou. Para os entrevistados deste trabalho, porém, sua carreira, apontada como promissora, poderia ter sido muito mais bem-sucedida do que foi. Num trabalho especulativo, hipotético, a opinião de Juca Kfourti sintetiza isso:

Claro que o Afonsinho sacrificou boa parte da carreira, eventualmente convocações para a Seleção Brasileira e tudo o mais. Mas ele é um marco de coragem, de resistência contra os desmandos da cartolagem, porque não foi vaquinha de presépio. Do ponto de vista financeiro, se tivesse feito tudo o que os cartolas queriam, ganharia muito mais dinheiro. Mas o Afonsinho foi muito mais do que isso. Ele quis mostrar que o jogador de futebol tinha condição de romper aquele grilhão, ir para a Justiça, ganhar e ter a sua liberdade.

O problema é que talvez Afonsinho tenha mesmo se tornado em um anti-exemplo. Apesar de animar logo em seguida alguns jogadores para lutarem pelo Passe Livre, também inibiu outros ao longo do tempo por não ter atingido tantas glórias e estabilidade na sua carreira. Ou seja, a vitória do meia pode ser considerada também contraproducente para a rebeldia no futebol brasileiro. Hilário Franco Júnior discute esse ponto:

Naquele momento, de um lado talvez estimulasse, de outro talvez assustasse. Alguns poderiam até ter pensado: “Ah, ele pode fazer isso porque, à hora em que não tiver mais idade para jogar, vai ser médico. E eu sou que sou analfabeto? Se minha carreira não vai para frente por causa de rebeldia, vou voltar a vender laranja na feira?”. Então, o cara ficava na dele. E para as gerações seguintes é mais difícil dizer. Primeiro porque a memória futebolística no Brasil é muito curta, sobretudo para coisas desse tipo. Seria capaz de apostar que para cem jogadores, três, quatro iam te dizer meio de orelhada quem era o Afonsinho. Pensar no Afonsinho como um exemplo para as gerações seguintes é muito mais ideológico e idealista do que alguma coisa concreta no mundo do futebol.

José Paulo Florenzano concorda em parte, com uma visão um pouco mais otimista:

O episódio do Afonsinho se presta a essa dupla e contraditória interpretação. Isso de fato aconteceu: “Vejam o exemplo do Afonsinho, não façam igual”. Foi classificado como jogador-problema exatamente para justificar, difundir esse exemplo. “Olha o que acontece com quem questiona a ordem no futebol”. E ao mesmo tempo ele inspirou lutas a esse respeito. Quando o futebol brasileiro sentir necessidade de buscar exemplos inspiradores nas lutas futuras, certamente vão resgatar essa história. Para quem pesquisa o futebol e se preocupa com a sua memória, o Afonsinho continua uma referência importantíssima.

A referência, inclusive, é apontada por Sócrates. Um dos líderes da Democracia Corinthiana, que estudaremos no capítulo seguinte, diz ter sido sim influenciado por Afonsinho. E o meia do Botafogo acredita que tenha mesmo se prestado a esse papel, tanto para um movimento como o dos paulistas, no futebol, como para outros setores da sociedade brasileira. Hilário Franco Júnior, porém, polemiza em relação a isso:

Essa coisa de pensar numa forma linear, de causas e conseqüências, é uma simplificação do processo histórico. Não é uma coisa tão óbvia, que esse processo aqui gere o outro lá. Você contextualiza Afonsinho, Sócrates e as gerações depois e percebe que o Brasil e o mundo ocidental estavam mudando. E essas macromudanças que não têm nada a ver com o futebol são mais importantes do que os indivíduos em si.

E você, o que acha disso tudo?

2.4 EXISTE VIDA APÓS A REBELDIA?

Depois de se tornar o principal exemplo de rebeldia no futebol brasileiro, Afonsinho ainda participou da criação de um projeto inédito, o Trem da Alegria, já no fim da carreira. Com o Passe Livre e dificuldade para arranjar um clube, o meia e outros na mesma condição decidiram se juntar para continuar treinando e mantendo a forma. Uma mistura de veteranos e aspirantes. Até que novas propostas aparecessem, o time formado por este grupo viajava pelo Brasil e mundo afora fazendo exibições. Está explicado aí o primeiro nome do grupo (Trem), pois era um projeto itinerante. O outro (Alegria) só poderia vir de Garrincha, conhecido como a Alegria do Povo. O ponta foi uma das muitas celebridades que passaram pela equipe, já que, tão logo alguém conseguisse um clube para jogar, se mandava. Afonsinho lembra com carinho do grupo:

Fomos até Angola, Goiás, tinha jogadores com muito nome, campeões do mundo. Nossa estréia foi a melhor possível, aqui em Sertãozinho, numa usina de açúcar, num 1º de maio. Nosso time era Jair, Marinho, Orlando, Nilton Santos, Altair, Dida, seis, sete campeões do mundo. Pepe, Brito, Figer, Samaroni, De Conceição... Era uma forma de resistência.

O ex-jogador diz que o grupo existe até hoje, já que alguns ainda se reúnem para disputar uma partida, conciliando churrasco, pagode, numa confraternização. E que a idéia não acaba, pode ser resgatada a qualquer momento. Para José Paulo Florenzano, porém, o Trem da Alegria já passou, apesar de ter sido uma bela iniciativa:

Foi uma experiência de cooperativa entre 1976 e 1979, para proporcionar shows, a idéia do futebol como espetáculo e repartir o lucro. Pena que foi uma experiência efêmera.

Após o Trem da Alegria e a aposentadoria dos campos, Afonsinho teve de se contentar em trabalhar com o futebol fora de campo. E, como ele próprio contou, foram incursões esporádicas, como no sindicato dos jogadores de futebol, em projetos comunitários/sociais e eventualmente nas categorias de base, como aconteceu no Botafogo recentemente. Até como médico (formado na hoje UniRio, em 1976) aproveitou sua experiência no esporte, como conta seu amigo Paulo César Caju: “Agora ele trabalha como médico-psiquiatra do Instituto [Philippe] Pinel [cedido pelo INSS, onde é funcionário concursado desde 1980], no Rio, utilizando o esporte, a recreação e o lazer como complemento do tratamento psiquiátrico. (...) Grande Afonsinho!”¹⁷.

Não preciso dizer mais nada, né?

17 Paulo César Lima Caju, *Dei a volta na vida* (São Paulo, A Girafa Editora, 2006).

2.5 AO VIVO E A CORES?

Afonsinho foi mais do que simpático na hora de marcar a entrevista. Disse que podia ser na hora e lugar que eu quisesse. Assim, tudo ao meu critério. Diante das mil exigências a que estou acostumado, assustei. Mas pela fala logo deu para perceber que não havia com o que se preocupar, Afonsinho é assim mesmo, um cara gentil.

Acabamos combinando uma sexta-feira à tarde, em Jaú, onde ele estaria visitando a mãe, que ainda mora na cidade em que passou a infância. Primeiro eu me atrasei, depois ele. Procurei por um tal de Fernando Pirulito, seu amigo, para fazer hora. Fiquei imaginando o que ia falar com aquele cidadão, esperando o entrevistado... Ah, mas isso se resolveu rápido. Carioca, falante, Pirulito me recebeu melhor do que muito amigo, simpático, e comentou de tudo um pouco: dele, de Afonsinho, da cidade. Foi ótimo. Quando vi, já estávamos no bar tomando cerveja.

Apesar do papo agradável, começou aquela expectativa de saber quem era o Afonsinho. Só tinha por base as fotos da época de jogador, não sabia como estaria agora. Ele atrasou uma hora além do combinado, a noite já dava o ar da graça. De repente, já distraído, eis que o Pirulito avisa: “Ó o Afonsinho lá!”. E lá vinha um moço ainda em forma, de shorts curto, camisa suada, sorriso fácil no canto do rosto, olhos azuis, cabelos brancos e, claro, barba. Cumprimentamos-nos e compartilhamos o papo da mesa de bar.

Vi que o Afonsinho era do tipo cauteloso, matreiro, então evitei sair sacando o gravador ou apressando a entrevista. Deixei que ele lembrasse que eu estava lá pra isso. A conversa ia tão bem, a cerveja, os acepipes, que fui convidado a pernoitar em sua casa para aproveitarmos a noite. Faríamos a entrevista no dia seguinte, pela manhã.

Dormi mais do que bem no quartinho que me foi designado. Tomei café e logo cedo começamos o nosso bate-papo. Afonsinho deu entrevista com uma camisa do Fórum Social Mundial, mostrando seguir antenado com a rebeldia. A conversa gravada durou uma hora e meia aproximadamente. Fluiu fácil, sem que o ex-jogador se incomodasse com qualquer assunto. Demonstrou paciência para explicar até o mais óbvio e foi atencioso ao extremo. Melhor: pareceu uma conversa, não uma entrevista. Algo entre amigos. Afonsinho já falava com desenvoltura, rindo, com brilho nos olhos. Acho que o medo da minha pessoa foi se perdendo já no dia anterior. E foi quase anulado naquele sábado.

Interrompemos a entrevista para Afonsinho atender seus compromissos. Acompanhei e ouvi mais sobre seu projeto na Vila Ribeiro, perto de Jaú, que ainda está engatinhando. Almoçamos com Dona Isabel, linda, adorável, que de sobremesa me presenteou com declamações de poesia em italiano e espanhol. À tarde, antes de retornar a São Paulo, ainda consegui ir à festa do Pirulito, na quadra de futebol, dar os parabéns.

Não queria ir embora. Afonsinho chegou a oferecer carona no domingo de manhã. Afonsinho fez eu me sentir muito bem no tempo em que estive com ele. Pareceu sempre um cara leve, despreocupado, sossegado. Ao mesmo tempo, de um carisma incrível, apesar de não ser do tipo falastrão ou exibido. Era notável a conta em que lhe tinham os conhecidos e amigos. E, realmente, sua entrada nos ambientes lembrava muito a música que Gilberto Gil fez em sua homenagem em 1973, chamada *Meio-De-Campo*, e a explicação sobre ela.

“Fiz a música em sua homenagem para dizer dessa dimensão que eu via nele: do homem fiel, generoso; o que abdica do trono; o que não brilha como os reis, mas é um sábio de cajado não; o sábio que vem visitar o palácio a convite do soberano e trazer novidades, impressões; vem para dizer coisas importantes, interessantes; para trazer luz, sabedoria. Isso tudo associado à imagem do hippie, do drop-out, do cara que jogou para cima as convenções.

“‘Aperfeiçoando o imperfeito’ e ‘Desprezando a perfeição’: as idéias do despojamento e do cultivo permanente da auto-educação, personificadas por ele, pelo significado da vida dele como jogador, como ícone de massa diferente dos outros, com toda a vocação para ser príncipe, e nunca rei.

“MEIO-DE-CAMPO (Gilberto Gil, 1973)

Prezado amigo Afonsinho
Eu continuo aqui mesmo
Aperfeiçoando o imperfeito
Dando um tempo, dando um jeito
Desprezando a perfeição
Que a perfeição é uma meta
Defendida pelo goleiro
Que joga na seleção
E eu não sou Pelé nem nada
Se muito for, eu sou um Tostão

Fazer um gol nessa partida não é fácil, meu irmão”.¹⁸

18 Carlos Rennó, Gilberto Gil: Todas as Letras (São Paulo, Companhia das Letras, 2003).



**DEMOCRACIA
CORINTIANA**

Foi uma experiência única. Nem dentro de casa a gente tem essa experiência, em que a empregada tem o mesmo voto do patrão. Só na Democracia Corintiana, na história da humanidade.

(Sócrates)

3.1 AFONSINHO : EXEMPLO?

Se a Democracia Corinthiana é fruto direto da rebeldia de Afonsinho, isso talvez nunca seja possível afirmar. Podemos dizer, contudo, que alguma influência com certeza o gesto do meia teve no movimento paulista. Sócrates, principal líder alvinegro, reconhece:

As minhas referências são claras: Reinaldo (do Atlético-MG) e Afonso. A gente não teve contato, mas gosto dele e de suas posturas pra caramba. Acho que, de uma forma ou de outra, ele participou à distância do que nós fizemos no Corinthians.

Afonsinho concorda e vê, inclusive, a Democracia Corinthiana como uma continuação da sua rebeldia, compreendendo os dois momentos como um processo:

Minha luta produziu conseqüências depois ampliadas pela Democracia.

Hilário Franco Júnior, como vimos no capítulo dedicado a Afonsinho, considera reducionista o raciocínio de que um ato levou ao outro simplesmente – há muito mais no meio disso tudo. E José Paulo Florenzano entende assim a ligação entre as rebeldias:

O período que a minha pesquisa abrange me permite dizer que houve momentos de rebeldia. Não foram casos isolados aqui e acolá, é uma pluralidade de atores que, ainda que não articulados num movimento organizado, começaram a se manifestar, se reposicionar. A década de 1970 é de uma luta muito intensa em favor dos direitos do atleta e a Democracia Corinthiana é um reflexo disso. O movimento da Democracia não surge do nada, tem atrás de si toda uma historia de rebeldia, de luta.

Independentemente de que opinião você considere mais aceitável, é preciso que tenha em mente a época em que aconteceu a Democracia Corinthiana. Ela surgiu na década de 1980, quando a ditadura militar já era tida como questionável até por alguns setores do Exército. Começavam a pipocar novos movimentos sociais e populares, sem serem tão reprimidos como na década anterior, e a ansiedade democrática aumentava cada vez mais. Enfim, era uma época de abertura política, a chamada distensão. Era este o contexto que permitia ao Corinthians arriscar.

3.2 QUEM É O HERÓI?

O folclórico Vicente Matheus estava na presidência do Corinthians desde 1972. Mas, em 1981, pelo estatuto, não poderia mais se reeleger. Não que isso fosse problema. Ele indicou como sucessor Waldemar Pires, seu vice à época, para concorrer com Wadih Helu. Os dois, portanto, apenas inverteram de posição na eleição daquele ano – Vicente era agora o vice da chapa de Waldemar – e venceram o pleito.

Ninguém esperava que Waldemar Pires comandasse o clube. Ele era considerado tanto por dirigentes como pela imprensa como um mero laranja, uma rainha da Inglaterra. Todos ainda tinham e entendiam Vicente Matheus como o verdadeiro presidente corinthiano. No começo do mandato de Waldemar Pires, era com o vice que a maioria ia se consultar, reclamar, pedir, ignorando por completo o verdadeiro comandante.

Chegou-se a imaginar que Waldemar Pires renunciaria para que Vicente Matheus assumisse, mas o estatuto não permitia a manobra. Não sem o eleito ter cumprido pelo menos 75% do seu mandato. Se fosse antes disso, novas eleições seriam convocadas.

Só restou a Waldemar Pires tentar exercer seu direito de fato. Aos poucos, mudando os diretores que eram seus subordinados e podendo Vicente Matheus, conseguiu inverter o jogo. Com poderes mais limitados e menos aliados, o ex-presidente foi se afastando, dedicando-se cada vez mais à sua construtora, enfim, deixando o caminho livre para o verdadeiro mandatário gerenciar o Corinthians com plenos poderes.

E tão logo isso aconteceu, percebeu-se uma mudança de mentalidade. Diferentemente de Vicente Matheus, autoritário, Waldemar Pires deu abertura para seus diretores, abriu o diálogo e descentralizou sua gestão. Estava aí o epicentro da mudança.

Ainda em 1981, com a equipe mal (péssimos resultados tanto no Brasileirão como no Paulista), o então diretor de futebol pediu demissão. Em novembro, duas semanas depois, o cargo foi ocupado pelo sociólogo Adílson Monteiro Alves. Exatamente, um sociólogo, e um sociólogo que reconhecia não entender lá muita coisa de futebol. Sem vícios de cartola e com uma formação profissional, digamos, mais liberal, ele decidiu ser franco com os jogadores e pediu opiniões para fazer a coisa funcionar.

Sócrates e Wladimir, dois dos principais líderes do grupo, aproveitaram a brecha para expor suas idéias e tentar construir algo mais de acordo com as aspirações que tinham. A intenção era que todos participassem de todas as decisões. Depois de muitas tentativas e erros, de conversas e discussões, se chegou à forma mais simples de democracia: o voto. Ironicamente, durante uma época de regime militar, o grupo corintiano passava a decidir tudo em conjunto: desde questões mais banais, como se o ônibus da delegação deveria parar na estrada, até as mais relevantes, como quem deveria ser contratado.

Sócrates pode contar melhor do que eu como foi o processo:

“Começamos então a discutir como implantar isso, como fazer funcionar. Então começou um processo relativamente longo de experiências. No começo, você apanha muito. Algo novo é sempre motivo de inseguranças e inquietações. As pessoas tinham medo de participar, até porque um time de futebol é constituído por pessoas de pouca formação e habituados ao paternalismo do meio.”¹⁹

A Democracia corintiana, portanto, constituía-se uma autogestão. E, curiosamente, num dos setores mais conservadores da sociedade, e de uma sociedade comandada por um Estado autoritário e repressor. Não existe um único responsável por isso. Não para dá para personificar na figura de Waldemar Pires, Adílson Monteiro Alves ou Sócrates. Nem ligar simplesmente como uma oposição aos tempos de milico e à ansie-

19 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corintiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002).

dade democrática. Para Hilário Franco, a Democracia Corinthiana nada mais é do que uma junção disso tudo:

Não acredito que esse movimento pudesse ter acontecido três anos antes, o que em termos de história não é nada. Dois ou três anos depois também não teria acontecido, porque não teria mais sentido. Naquele momento tudo exigia a Democracia Corinthiana, em termos de nação, de diretoria e de grupo de jogadores.

3.3 MIL MARAVILHAS?

Vamos relêmbra. Waldemar Pires é eleito e dá liberdade aos diretores. Um deles, o sociólogo Adilson Monteiro Alves, dá mais liberdade ainda ao grupo de atletas. Os jogadores debatem entre si e, aos poucos, vêem que a melhor forma de se relacionarem seria uma autogestão, passando principalmente pelo voto. Ok. Tudo muito bonito. Mas quando, afinal, você deve estar se perguntando, começou a funcionar?

Foi no fim de 1981. Eliminado do Paulistão, o Corinthians partiu para algumas excursões no exterior – o que era mais costumeiro até meados da década de 1990. Os jogadores ganharam seu primeiro título no período do movimento, ainda que de pouca expressão (Troféu Feira de Hidalgo, disputado no México), e, mais do que isso, aprenderam o que é ser grupo. Fatores essenciais para quem trabalha coletivamente foram observados: convivência, objetivos, comportamento e personalidade.

Com base nesta experiência, o grupo começou a ser reformulado. Dois jogadores (Rafael e Paulo César Caju), considerados individualistas demais, foram afastados por decisão majoritária dos outros jogadores. Começava a funcionar a Democracia Corintiana e uma nova era. Apesar de Sócrates ter uma outra versão:

Todo mundo duro [no México], porque não tinha bicho ainda, paramos no boteco para uma cerveja bem barata. PC [Paulo César Caju] pediu uma champanhe e não pagou... sumiu! Precisamos pagar a conta dele! Aí passamos a contar as moedinhas em peso mexicano. Cada um contribuindo com o pouco que tinha... Acho que nasceu ali a Democracia Corintiana, na solidariedade pra pagar a porra da champanhe do PC.

Brincadeira à parte, as vitórias em terras estrangeiras e o poder para gerir o próprio grupo ajudaram a levantar a auto-estima dos joga-

dores, desacreditados pelas campanhas de 1981 e também de anos anteriores. Processo que começou em outubro, com a chegada de Mário Travaglini. O técnico se preocupou em trabalhar o lado psicológico do grupo naquele fim de ano e conseguiu terminar a temporada invicto.

Assim, o Corinthians começou a mostrar sua cara nova já no primeiro semestre de 1982, surpreendendo no Brasileirão. Disputou a Taça de Prata (o equivalente à atual Série B) e se classificou para a Taça de Ouro (o equivalente à atual Série A) – sim, o regulamento da época permitia esse absurdo. Chegou até a semifinal e só caiu diante do Grêmio, que era quem defendia o título nacional. Uma ótima campanha.

No segundo semestre daquele ano veio o primeiro título importante: o Paulistão²⁰. Não sem turbulências pelo caminho. Com uma sequência de derrotas ainda no primeiro turno, o grupo de Vicente Matheus tentou um golpe para tirar Waldemar Pires da presidência. A atitude da oposição irritou o grupo. Os jogadores trataram de protestar no dia 28 de julho, comemorando os gols da vitória de 2 a 0 sobre o Juventus de uma maneira bem rebelde: não comemorando. Os autores, Zenon e Casagrande, “apenas saíram andando, como se nada tivesse acontecido”²¹. O golpe fracassou e o time ainda ganhou a primeira metade do campeonato, garantindo sua vaga na final.

Se ganhasse o segundo turno, o Corinthians ficaria com o título. A campanha irregular de outubro atrapalhou. A equipe se recuperou em novembro, mas viu o São Paulo se classificar. Na decisão, o Timão levou a melhor: “A liberdade vivida pelos atletas e sua influência nas decisões que lhe diziam respeito geram um clima de harmonia e confiança. Chegara o momento de colher os frutos proporcionados pelas mudanças. Afinal,

20 Àquela época, é bom lembrar, o Estadual era considerado tão importante quanto o Nacional. Não à toa, era disputado durante um semestre inteiro. Hoje os regionais vem sendo considerados cada vez mais a um nível abaixo do Brasileiro.

21 Sócrates e Ricardo Gozzi, *Democracia Corintiana* (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

nada se sustenta no futebol se não houver resultados positivos”²².

Prova disso veio em março de 1983. Waldemar Pires tentava se reeleger e tinha como adversário o ex-aliado Vicente Matheus. Agora, em vez dos conselheiros, eram os sócios quem decidiriam o pleito. Os principais jogadores do time chegaram a fazer boca de urna pelo mandatário, com Sócrates, inclusive, ameaçando sair caso a oposição vencesse. Em uma época em que o Brasil não sabia o que era democracia, os corinthianos mostraram não só seu anseio pela participação, comparecendo em bom número, com gente vindo do interior do Estado e do país, como aprovaram a autogestão e reelegeram Waldemar Pires.

Na disputa do Brasileirão, o Corinthians não repetiu o desempenho do ano anterior e nem sequer chegou às quartas-de-final. O grupo até tentou corrigir o rumo durante o percurso, em uma medida inédita no futebol brasileiro, decidindo pela troca de treinador. E não estamos falando de jogador derrubar técnico fazendo corpo mole, desobedecendo. Por decisão da maioria, em votação, Mário Travaglini não era mais o técnico e, também por escolha dos jogadores, Zé Mária, lateral do time que estava se aposentando, assumia. A experiência foi curta, cerca de dois meses, mas um símbolo do poder que os atletas chegaram a atingir. Zé Maria deixou o posto em maio, depois da conquista do terceiro título da Democracia: a Taça Cidade de Porto Alegre. Ricardo Gozzi* recorda:

Ninguém impunha uma coisa para aquele grupo no auge.

Fora mais uma vez da disputa do Brasileirão, restava ao Corinthians tentar o bicampeonato no Paulistão no segundo semestre, com Jorge Vieira no comando. E, como toda conquista alvinegra, veio de forma sofrida, como sua torcida gosta de se vangloriar.

Primeiro por causa da agitação que a chegada de Leão causou. O goleiro foi contratado no começo de 1983, sem que Adílson consultasse o grupo. Apenas o então técnico Mário Travaglini, o preparador físico, e

22 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corinthiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

os jogadores Sócrates, Wladimir e Zé Maria foram sondados. A medida desagradou aos demais apesar de reconhecerem a qualidade do novato e a necessidade de um atleta para a posição.

O que pesava contra Leão era a sua individualidade exacerbada, postura que já fora motivo para as saídas de Rafael e Paulo César Caju. E o goleiro agitou mesmo o ambiente: questionou os principais líderes, reclamou com a diretoria e, de certa maneira, dividiu o grupo. Sua participação na Democracia Corinthiana, assim, é vista de maneiras diferentes. Para alguns, apenas conturbou o ambiente. Outros, porém, reconhecem o profissionalismo do jogador, dizendo que ele chegou a dar sua opinião nos debates como qualquer outro. Leão, porém, sempre deixou claro sua posição. Quando consultado por Ricardo Gozzi sobre a época em que esteve no Parque São Jorge e sua participação no movimento, “disse apenas que, para ele, ‘a Democracia Corinthiana não existiu’”²³.

Leão não era o único a discordar. Juca Kfourri lembra disso:

Você conta nos dedos quem apoiou: Jornal da Tarde, Placar e Osmar Santos. Não lembro de mais ninguém. Os outros? Só porrada. Democracia coisa nenhuma, é coisa de três ou quatro bêbados, que iam tomar cerveja no Bar da Torre depois do treino.

PVC também recorda a oposição do goleiro:

O Leão tem uma posição mais direitista, mas o que ele fala tem sentido: que era uma democracia pra alguns. Se de fato você for pegar a única conquista, da concentração, é muito pouco.

Individualista ou não, a questão é que Leão mostrou seu profissionalismo e ajudou o Corinthians a vencer seu segundo Paulistão. Todos acreditam, inclusive os que não são seus maiores fãs, que o goleiro foi essencial na semifinal contra o Palmeiras. Há a suspeita, porém, de que

23 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corinthiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

tenha sido ameaçado antes da partida contra os arqui-rivais²⁴. Numa reunião na véspera, Sócrates teria falado que Leão era o responsável pela desunião do grupo. Apesar de retrucar, a maioria do grupo concordou com seu principal líder. Adílson, então, teria avisado que se tomasse gol e o time não passasse para a decisão, todos iriam à imprensa dizer que o goleiro tinha entregado. Ninguém confirma oficialmente até hoje. O que ficou para a história mesmo foi o título estadual de 1983.

24 Sócrates e Ricardo Gozzi, *Democracia Corinthiana* (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

3.4 CULPA DE QUEM?

O ano de 1984 foi o prenúncio do fim da Democracia Corintiana. Depois das confusões que arrumou, Leão foi negociado e Carlos, da Ponte Preta, contratado para a posição. A saída do goleiro, porém, não aliviou o que viria pela frente.

Durante a disputa do Campeonato Brasileiro, ocorria paralelamente um dos maiores movimentos populares da história do país. Com o iminente fim do regime militar, discutia-se se o novo presidente seria eleito pelos parlamentares ou pela população. O deputado federal Dante de Oliveira propôs então uma emenda (que levava seu nome) que instituía eleição direta para presidente. A medida, pelo que mostra o movimento das Diretas Já e o número de pessoas em suas manifestações, atendia aos anseios do povo.

Sócrates e outros líderes da Democracia Corintiana participaram ativamente da campanha pelas Diretas Já, mostrando que o coletivo alvinegro não se restringia ao futebol. A tentativa da campanha pelas Diretas Já, claro, era pressionar os parlamentares para que aprovassem a emenda Dante de Oliveira no Congresso. Em manifestação no Vale do Anhangabaú, que reuniu cerca de um milhão de pessoas, Sócrates foi audacioso ao anunciar que se a emenda não passasse, deixaria o país.

Em 25 de abril, por 22 votos, a emenda Dante de Oliveira não atingiu os dois terços do Congresso que seriam necessários para a sua aprovação. Sócrates teria de cumprir sua promessa. Antes, tentou levar a equipe adiante no Nacional. Mas, assim como em 1983, parou nas semifinais, sendo eliminado pelo futuro campeão Fluminense. A partida de 20 de maio contra os cariocas, foi a última de Sócrates diante da torcida.

A expectativa pela saída do principal líder da Democracia Corinthiana, que acabou acertando com a italiana Fiorentina, agitou o ambiente. Antes de mais uma viagem para o exterior, para o jogo de despedida de Sócrates, Jorge Vieira pediu demissão. O treinador queria cortar Casa-grande por indisciplina e Sócrates se recusou a viajar caso isso acontecesse. Não havia sentido um jogo de despedida sem aquele que se despediria e foi Jorge quem decidiu sair. Em Kingston, na Jamaica, Sócrates fez então seu último jogo pela equipe, na derrota de 2 a 1 para a seleção do país, em junho, e cumpriu o que prometera.

Sócrates lembra que nem sequer cogitou fugir do que dissera:

*“Eu sabia que sairia perdendo quando deixei o Corinthians e fui para a Fiorentina. Quando saí do Parque São Jorge, as relações de trabalho no clube estavam num estágio avançadíssimo. (...) A emenda não passou e eu me senti, além de absolutamente frustrado e chocado, comprometido a ir embora. Era a minha palavra em nome de um ideal. Eu sabia que perderia muito com a saída do Corinthians, mas era a forma de eu defender o meu discurso. Era aquela coisa de paixão por aquilo em que eu acredito. Se a emenda fosse aprovada, eu teria ficado aqui com certeza”.*²⁵

Para Juca Kfourri, o gesto foi uma verdadeira rebeldia:

Isso sim é um gesto rebelde, de contestação do establishment. O cara chegar na frente de um milhão de pessoas e dizer que se as Diretas não passassem ia embora. Ele ia perder um caminhão de dinheiro se não acertasse com a Fiorentina, mas achava que valia a pena. A Emenda não passou e ele foi embora. Se a Emenda passasse, ele ia ficar, não tenha dúvida... e ia perder um caminhão de dinheiro.

A saída de Sócrates fragilizou a Democracia Corinthiana. Para piorar, o tricampeonato no Paulista não veio: o Santos levou a taça. Não sem

25 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corinthiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

polêmica e desconfiança de boicote ao movimento do Parque São Jorge.

Mesmo disputado por pontos corridos, coincidentemente o campeonato daquele ano teve uma “final”. Santos e Corinthians, respectivamente primeiro e segundo colocados, decidiriam quem ficaria com o título na última rodada. Ao time do litoral bastava o empate. “A partida foi tensa. Os jogadores corintianos pareciam irritados com a arbitragem. Arturzinho e João Paulo eram impiedosamente caçados em campo pelos jogadores santistas. O árbitro José de Assis Aragão parecia indiferente à violência. Tão indiferente que deixou de marcar um pênalti claro em Zenon quando o jogo ainda estava empatado por 0 a 0”.

“Há quem fale sobre um complô para impedir mais um título em meio à já enfraquecida Democracia Corintiana. Afinal, a eventual conquista do tricampeonato paulista poderia dar um novo impulso ao movimento, o que não seria do agrado dos cartolas. Como provar isso seria impossível sem confissões, persistirá a dúvida”.²⁶

Complô ou não, o Santos venceu por 1 a 0. Reflexo do fracasso, em 1985, Adílson começou a contratar sem consultar os jogadores, como era praxe. O diretor de futebol, que já imaginava sua candidatura para presidente, trouxe estrelas e montou uma verdadeira seleção. Ao mesmo tempo, porém, criou o maior racha da Democracia. Os medalhões não se entendiam e os resultados em campo não eram também satisfatórios. O grupo já começava a perder as características que o mantiveram unido no começo, lembra Sócrates:

“Mudou a sociedade. Quando eu sai, o Corinthians contratou dez jogadores, então é outra gente. Muda tudo, aí não tem jeito. Cada comunidade escolhe o regime que quer viver”.²⁷

O golpe final veio em abril, nas eleições para presidente. Walde-

26 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corintiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

27 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corintiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

mar Pires não poderia tentar mais um mandato e indicou como sucessor Adílson Monteiro Alves. O adversário, Roberto Pasqua, presidente do Conselho Deliberativo, venceu. Para Ricardo Gozzi, a saída do poder do grupo que permitiu o desenvolvimento da Democracia Corinthiana decretou de vez o fim do movimento, já em decadência:

O que acho que matou a Democracia Corinthiana foi a eleição de 1985. A primeira coisa que eles fizeram [o grupo de Roberto Pasqua] quando assumiram foi podar todo mundo, como faz qualquer regime autoritário de poder. Arrancou o mal pela raiz.

Acabava a Democracia Corinthiana. Mas será que acabava também a idéia que a fez durar cerca de quatro anos?

3.5 FIM?

Não existiu uma Democracia São-Paulina, Palmeirense ou Santista. Não existiu nenhuma outra experiência como a Democracia Corintiana depois do seu fim. Alguns jogadores formados no movimento até tentaram repetir a experiência em outros clubes. Mas nunca mais o futebol brasileiro se permitiu experimentar uma autogestão como a alvinegra, com participação ativa dos jogadores na maior parte das decisões.

É por isso, principalmente, que todos os entrevistados vêm a Democracia Corintiana como uma rebeldia pontual, que não teve seqüência. Hilário Franco Júnior reconhece a importância do movimento, mas questiona sua continuidade:

Por que não teve algo como a Democracia em outros tempos e em outros clubes? Se é assim tão revolucionário, ia aparecer em outros cantos. Não apareceu porque todos os elementos que confluíram lá não confluíram em outros. Podia até ter um ou outro elemento, mas não todos.

Sócrates, por exemplo, não durou muito tempo na Fiorentina. Em 1985, retornou ao Brasil para defender o Flamengo. PVC coloca em questão a passagem:

Por que o Sócrates e o Zico não conseguiram fazer uma Democracia no Flamengo? O Zico sempre foi um cara democrático. E por que eles não conseguiram espalhar a sementinha para os outros jogadores?

Sócrates, por sua vez, não só acredita que o movimento de que participou teve seqüência no futebol brasileiro, como vê uma segunda Democracia Corintiana:

O Corinthians mudou agora o estatuto [do clube, em que o presidente é eleito diretamente pelos sócios]. Você acha que [a Democracia Corintiana] não teve relação com isso? Acho que tem sim. Isso gradativamente vai aparecendo. A saída do Eurico Miranda e a entrada do Roberto Dinamite no Vasco tem a ver. Direta ou indiretamente. Estávamos muito antes do tempo que deveria acontecer. O processo é natural. Eu cito que a eleição do Corinthians é a Democracia Corintiana II. Não tem nenhum clube no país que tenha isso [eleição direta], por que você acha que foi só no Corinthians que isso começou?

O argumento do corintiano não convence Ricardo Gozzi, que vê a Democracia Corintiana como “uma árvore no meio do deserto”:

Fez barulho, mas não deixou raízes, não plantou sementes. Acabaram com a Democracia Corintiana porque tinham mexido com a estrutura de poder do futebol. Qual o grande medo do empregador? Que o funcionário consiga determinar sua política de salário. Quanto mais desunido for o grupo, melhor para o empregador. O movimento foi bem-sucedido, mas não conseguiu o que quis, não instalou uma nova mentalidade.

O que não nos impede de dizer que a Democracia foi revolucionária, porque não só contestava como tinha um plano para ser seguido, propunha uma nova estrutura. O fato de não ter vencido a batalha contra o status quo, não invalida o caráter revolucionário.

Para André Kfoury*, é difícil imaginar hoje, mais de 20 anos depois, algo parecido com a Democracia Corintiana:

Não há mais condições intelectuais no futebol para produzir isso.

Apesar de a maioria dos entrevistados não enxergar seqüência, todos elogiam o marco que a Democracia Corintiana representou. Tanto por questionar o futebol como o país. Será então que a Democracia Corintiana foi tudo isso mesmo?

3.6 ÚNICO?

A Democracia Corinthiana costuma ser reduzida a um movimento que conseguiu acabar com a concentração²⁸ no futebol. Seja por pouco conhecimento da história, seja por oposição e verdadeira simplificação da importância que o movimento teve.

Sócrates e companhia fizeram muito mais do que decidir entre eles, por voto, pelo fim da concentração para os jogadores – e apenas no Corinthians, não nos clubes do país todo, como às vezes dá a impressão. A questão da concentração foi apenas uma dentre muitas colocadas à mesa para serem discutidas e decididas em grupo. Os corinthianos, aí inclusive jogadores, comissão técnica e dirigentes, mostraram ao meio em que estavam inseridos que era possível outro tipo de relação entre todos que participavam do esporte. Os atletas, ainda que com consentimento da diretoria, mostraram aos colegas de outros clubes que tinham sim capacidade para se autogerir, para contestar e participar das decisões, deixando de lado a imagem de meros subordinados. O clube mostrou aos rivais e ao país ainda sob o jugo militar que era possível trabalhar com diálogo, liberdade e acima de tudo, democracia.

Para Sócrates, a Democracia Corinthiana, revolucionária, foi “avante de seu tempo”:

Foi uma experiência única. Nem dentro de casa a gente tem essa ex-

28 Termo usado para designar os dias em que jogadores e comissão técnica ficam enfiados em hotéis sem direito a voltar para casa e visitar a família. É um mecanismo utilizado, geralmente, na véspera de jogos – até hoje – pois, supostamente, ajudaria a manter os jogadores concentrados, focados tão somente em sua atuação.

periência, em que a empregada tem o mesmo voto do patrão. Só na Democracia Corintiana, na história da humanidade. Tudo o que era coletivo todo mundo participava das escolhas, eram coisas simplistas muitas vezes, mas o cara tinha peso... o roupeiro votava e tinha o mesmo peso que o Adílson. Coisa que ninguém faz com o funcionário. É um pra um: isso é democracia.

“A Democracia Corintiana estava rompendo a dinastia dos técnicos de futebol. É muito fácil dizer que o movimento era uma porcaria, uma anarquia, até porque esse foi o rótulo que se colocou. Mas que anarquia é essa que vota tudo?”

“As pessoas não tem consciência, ou não tinham consciência na época, do que representava o termo. Nós tínhamos um sistema político totalmente diferenciado e estruturado. Todos nós participávamos das decisões e tínhamos voto unitário. Ou seja, ninguém era superior a ninguém. Todos iguais. Que anarquia é essa? Ao contrário disso, nossa estrutura era muito mais politizada do que qualquer outra”.²⁹

E, mais do que isso tudo, a Democracia Corintiana não se limitou ao futebol. Era mais um de muitos movimentos populares e, dessa maneira, se ligava a eles sempre que possível. Seja mais diretamente, como no movimento Diretas Já (1984), seja por mensagens na camisa do time ou faixas levadas a campo com frases políticas.

“Conseguimos provar ao público que qualquer sociedade pode e deve ser igualitária. Que podemos abrir mão de nossos poderes e/ou privilégios em prol do bem comum. Que devemos estimular a que todos se reconheçam e que possam participar ativamente dos desígnios de suas vidas. Que a opressão não é imbatível. Que a união é fundamental para ultrapassar obstáculos indigestos. Que mesmo as dificuldades nos são potentes professoras. Que o convívio com as pessoas que pensam e agem de forma absolutamente fascista não é impossível. Que uma comunidade só frutifica se respeitar a vontade da maioria de seus integrantes. Que é

29 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corintiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

possível se dar as mãos.

*“Quem sabe um dia verei, mesmo que lá de cima, acontecer o mesmo com nosso país. Talvez nossa nação possa viver um amanhã justo, ético e puro”.*³⁰

Tomara, Sócrates!

30 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corintiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

3.7 QUEM É SÓCRATES?

Eu não imaginava que um jogador de futebol poderia ser tão bacana com um jornalista. Não até conhecer Sócrates. Ele é um ex-jogador, claro, mas vocês entenderam o que eu quis dizer. Que é difícil um atleta dar tanta liberdade para a imprensa.

O começo da relação não foi fácil. Sócrates foi logo me colocando contra a parede, já no início da entrevista, como conto no primeiro capítulo. Depois, foi se mostrando mais amigável, um verdadeiro piadista e brincalhão. Até demais às vezes. Chegava gente e lá ia o Sócrates fazer graça, atrasando a entrevista. O que na hora me deixou apreensivo para saber se conseguiria perguntar tudo o que queria, mas depois mostrou-se irrelevante.

O que mais me chamou a atenção, porém, foi a dificuldade em se orgulhar de si mesmo. Quando questionado se era o líder de fato da Democracia Corinthiana, começou saindo pela tangente e tentou se definir:

Eu sou questionador, mais revolucionário do que rebelde. Mas não sou revolucionário na prática, sou agregador, quero mudar a minha nação. Não tenho nenhuma veia transformista, pelo contrário, quero representar o meu povo, é um pouco diferente. Eu sou porta-voz de uma nação e é a única coisa que eu sei fazer e vou ser até morrer. Eu chamo Sócrates Brasileiro, meu pai escolheu a dedo o meu nome, sou brasileiro até na alma. Eu amo essa porra, eu amo essa nação, amo esse povo. Porque eu acho que sei e sinto e conheço, ele é o mais bonito do planeta pelo menos desde que eu nasci.

Para não irritar o homem, mudei de pergunta e falei da importân-

cia do líder e pedi, então, um comentário, para não perder de vista:

Líder é fundamental, não existe sociedade sem líder. É quem encaminha, põe a cara pra bater. Em qualquer coisa. Não existe conjunto musical, família, sem líder, muito menos numa comunidade. Se você colocar cinco pessoas com o mesmo peso político juntas, elas vão se matar e nunca vai ter uma comunidade. Tem que ter líder.

E aí tentei de novo perguntar se ele era líder:

Não falei que fui líder. Eu não preciso responder isso. Eu não sou porra nenhuma, eu sou um enganador, chutava pra trás (risos).

Sócrates virou para o lado e se dirigiu a Juca Kfourri, com quem entraria ao vivo em poucos minutos no programa Cartão Verde, da TV Cultura, e disse em tom de brincadeira:

O Juquinha pode responder melhor isso do que eu. Juquinha, fala pra eles. Eu não fui líder coisa alguma.

Com cara de quem já tinha ouvido a modéstia em outros carnavais, Juca brincou:

É, realmente, você não foi líder coisa alguma. Foi o Biro Biro.

Levando todos, incluindo Sócrates, a cair na gargalhada.

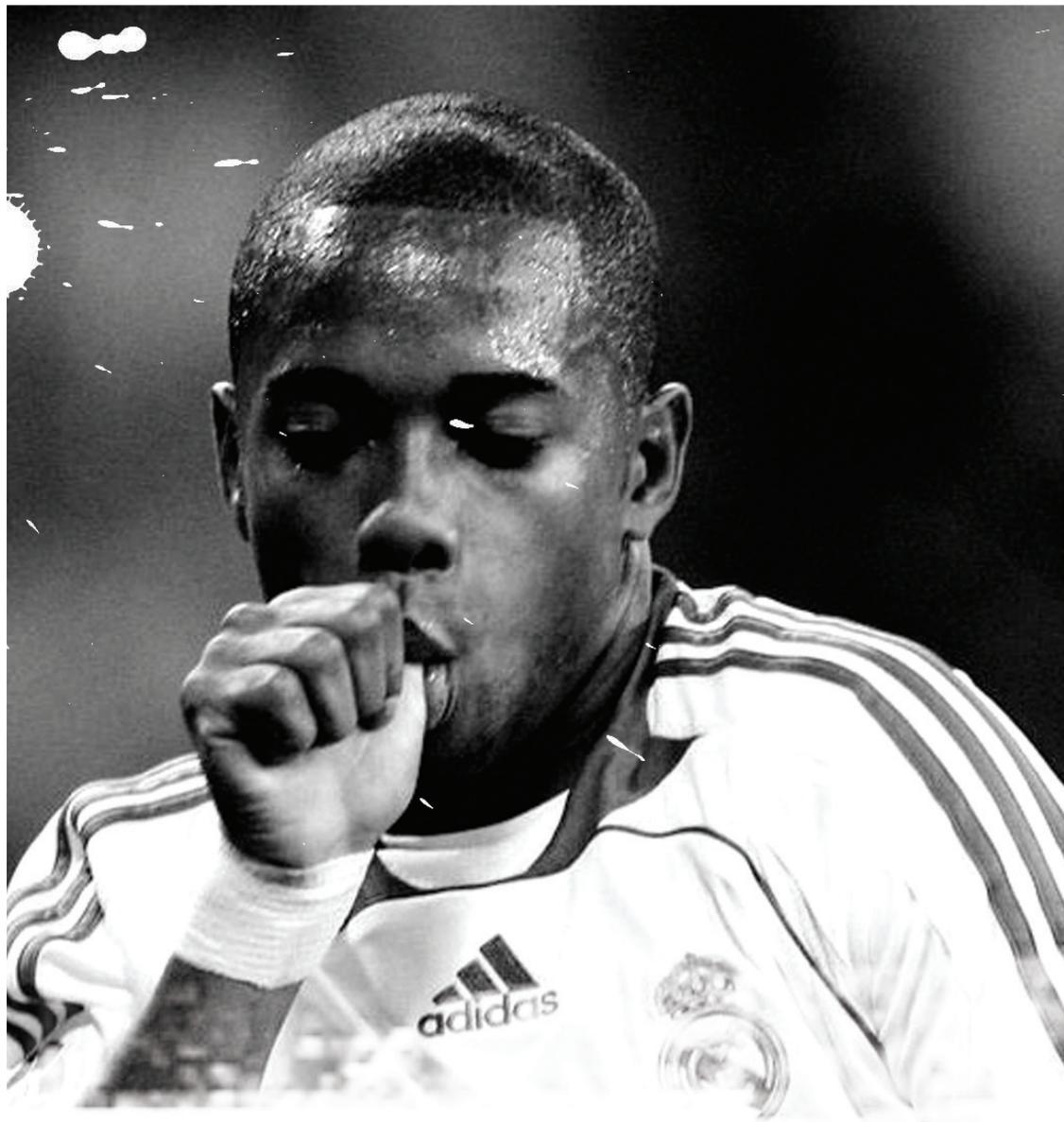
A entrevista não rendeu o quanto eu gostaria. Mas foi compensada pelo que veio depois. Pedimos, eu e o jornalista do LANCE! Victor Bessa, para assistir à gravação do Cartão Verde. Sentamos numa mesa de bar na Vila Madalena, bairro boêmio de São Paulo, com Sócrates, Juca Kfourri, Xico Sá e Vladir Lemos. Senti que estava no filme *Boleiros*, do Ugo Giorgetti.

Conversamos sobre tudo. Esqueci de insistir por mais entrevista, nem valia a pena. E cheguei a ter a cara-de-pau de discutir o conceito de

nação e povo com Sócrates. Os dois berrando para tentar se fazer ouvir. O que me rendeu uma bronca às seis da matina, quando fechamos o bar eu, Victor, Magrão e Xico Sá.

Esses moleques são teimosos. Você precisa aprender a ouvir mais os outros, rapaz!

Em seguida, ganhamos um abraço da dupla e nos despedimos. Eu com a certeza de que tive uma das melhores noites da minha vida. Sócrates com a dúvida na cabeça de quem seriam aqueles moleques insolentes. O nome ele não vai lembrar, já que disse ter dificuldade pra isso. Mas quando ler este livro, quem sabe refresque a memória e convide para mais uma cerveja para criticar o que está aqui. Será um prazer.



...E HOJE?

.....

4.1 ACABOU?

Chegamos ao que verdadeiramente interessa. Àquilo que podemos chamar de conclusão. Exatamente, que podemos chamar de. Porque serão muito mais observações do autor e um mosaico da opinião dos entrevistados, sem nada com caráter eterno.

Com o esclarecimento do que é rebeldia e revolução, as diferenças entre os dois termos, uma breve história do tema no futebol, geral e brasileiro, e o aprofundamento de dois casos (Afonsinho e Democracia Corintiana) temos material para pensar na atualidade.

E a pergunta que me veio e motivou o trabalho é: existe rebeldia entre os participantes do futebol brasileiro hoje, alguém se rebela?

Como a indagação diz respeito ao agora, a este presente momento, diferentemente dos outros capítulos, este será baseado muito mais nas entrevistas do que nos livros.

4.2 TEMOS REBELDIA HOJE?

Ninguém soube apontar um rebelde ou revolucionário no futebol brasileiro hoje. Nenhum. E não por desconhecimento de causa. Todos estão mais do que imersos no cotidiano do esporte e são reconhecidos como nomes ilustres em suas áreas de atuação. Não é um certificado de certeza para o que dizem, mas é um indício de que podem ter razão. Confesso: concordo. E me arrisco, com a ajuda deles, a tentar apontar o porquê da inexistência desses rebeldes/revolucionários no esporte no país.

A primeira explicação passa pela época em que vivemos. Não há, no mundo, mais uma polarização de idéias como havia na Guerra Fria, com capitalistas e socialistas. Não há, no Brasil também, uma divisão entre os que apóiam e os que repugnam e combatem a ditadura militar. Não há um inimigo comum, algo concreto a ser combatido ou contestado. Há liberdade, ainda que vigiada, para fazer o que se bem entende. A repressão existe, até de forma mais camuflada, mas é entendida por muitas pessoas como muito menor do que nos anos de chumbo. Vivemos uma democracia. E são épocas de proibição, de autoritarismo, que animam as lutas, que permitem as insurgências.

Hilário e José Paulo entende assim o tema, respectivamente:

Você não tem exemplos de rebeldia vindos de fora, o que, para um país provinciano e copiado como o Brasil, é importante. Antes tinha a ditadura. Hoje, você pode gostar ou não do Lula, mas ele foi eleito democraticamente. Daqui a pouco, se não tiver nenhum golpe, espero, vai ter uma outra eleição e virá outro, são regras do jogo democrático.

O futebol não está isolado da sociedade, não é um mero reflexo do que acontece. Mas em grande parte caminha junto com os movimentos em curso na vida social. O processo [de rebeldia] sofre uma inflexão quando a própria sociedade brasileira sofre a derrota nas Diretas Já, ponto culminante dos movimentos sociais políticos que queriam transformar o país. O futebol acompanha os reflexos dessa derrota. Eu diria que meados da década de 80 é um ponto em que o movimento começa a perder força, energia.

E mais do que os tempos, mudaram as relações trabalhistas no futebol. Em 1998, a Lei Pelé extinguiu o Passe. Hoje, pode-se negociar com quem quiser e como bem entender, sem qualquer obrigação de prestar fidelidade ou contas ao clube. Um verdadeiro avanço na teoria. Na prática, porém, ainda há muito o que aprender. É difícil encontrar atletas sem profissionais (empresários, procuradores ou agentes) que gerenciem sua carreira, não só intermediando as negociações com os dirigentes como tentando sempre conseguir o melhor negócio. A maioria dos jogadores acaba refém, à mercê do maior lucro possível e, não necessariamente, perto da sua vontade ou da escolha mais importante para sua carreira.

Mauro Beting chega a comentar que o fim do Passe “apenas mudou o feitor”, sendo ainda o jogador um escravo, agora do empresário e não mais do clube. Paulo César Caju*, porém, lembra-me que isso só acontece se o atleta permitir. Como qualquer artista, o futebolista precisa de alguém para ajudar com contratos, negociar direitos, toda a parte administrativa. O que não significa obedecer ou seguir todos os conselhos do profissional que é contratado e, em tese, está prestando um serviço.

É por isso que Paulo César Caju aponta a individualidade como o grande problema. Para ele, os jogadores brasileiros hoje pensam apenas em si. Não há espaço para reflexão e luta por um bem maior e até mesmo para entender a importância de defender a Seleção Brasileira. O que também dificulta qualquer preocupação em fincar raízes no clube ou em buscar novas formas de coletivo, como fizeram Sócrates e companhia na Democracia, e se unir por reivindicações comuns à classe.

A individualidade não é uma característica exclusiva dos jogadores. Todos estamos cada vez mais fechados no nosso próprio umbigo. Seja na luta diária do capitalismo selvagem, importando-se tão somente em como ganhar dinheiro para se sustentar, seja imaginando qualquer questão pessoal, emocional, subjetiva. A individualidade no futebol de hoje, entretanto, recai sempre sobre como se dar melhor financeiramente. O que às vezes é condenado pela imprensa, mas não está errado e é totalmente compreensível.

A questão é o porquê de o dinheiro ser mais importante do que outros fatores. A violência, a poluição, o trânsito, a desigualdade social, a política. Tudo isso e mais alguma coisa podem ser exemplos para que você decida deixar o Brasil. Provavelmente não fará isso sem pretexto. Acontece que os jogadores sempre têm um. Além de fugir do caos tupiniquim, ganham uma bolada que pode garantir o sustento de uma vida e muitas vezes de uma família que, na maioria das vezes, sofre com problemas de dinheiro. A grana se tornou, para José Paulo, central no futebol:

Cada vez menos é possível identificar gestos e manifestações de rebeldia no sentido do questionamento do sistema, pelo contrário, o que se observa é a tentativa do atleta se dar bem dentro do sistema estabelecido. Não há mais digamos assim, desejo de propor modelo alternativo, mas de se sair bem dentro dele.

A falta de dinheiro, aliás, a pobreza, sem eufemismos, é outro problema. Boa parte dos jogadores vem das camadas mais pobres da sociedade brasileira. Não significa que são burros ou ignorantes. Mas é latente que a falta de uma formação educacional mais adequada, tanto por freqüentarem as fracas escolas públicas como por não concluírem o ensino, atrapalha na hora de gerenciar a carreira. Pode faltar confiança nas decisões que acabam sendo relegadas a empresários. Pode faltar conhecimento para negociar com os mesmos empresários ou dirigentes, geralmente provenientes da elite nacional. E, com certeza, falta uma noção maior de grupo, da importância de se unir para brigar pelo que for. Não é á toa que Sócrates e Afonsinho são médicos.

E é a importância do dinheiro que talvez faça muitos jogadores desistirem de qualquer contestação. Um simples gesto pode ser suficiente para macular a carreira e a imagem, prejudicando futuras negociações com clubes e patrocinadores. Criado o estereótipo de jogador-problema, é praticamente impossível fugir dele. A mídia estará sempre de olho, perseguindo, cobrando e apontando o dedo.

Temos assim, vários motivos para entender a imobilidade dos jogadores: a origem pobre e a má formação educacional; a valorização do dinheiro, colocado num pedestal; a individualidade, e a falta de consciência do outro; o medo da imprensa, verdadeira inquiridora; a influência dos empresários, interessados só no lucro; e, por fim, a inexistência de bandeiras comuns à toda sociedade. O que eu não parei para pensar é se, afinal, há o que reivindicar. Não sou atleta. Apenas alguém que acompanha e, na condição de analista, se é que assim podemos dizer, dá-se o direito de tentar entender o que é preciso melhorar pelo bem de todos no esporte. O que não significa saber os verdadeiros anseios e aspirações de quem vive aquilo de verdade. PVC foi quem me atentou para isso:

Algumas coisas que afligem quem não é da classe não afligem necessariamente o jogador de futebol.

O futebol melhorou em alguns aspectos. Por exemplo, o número de partidas por temporada diminuiu e começamos a ter um campeonato nacional forte, sem a troca de regulamentos todo ano. Os jogadores passaram a ter plena liberdade para decidir sua vida – apesar de nem sempre usufruírem desse direito – e ganham cada vez mais. Por outro lado, contrapondo os mesmos pontos, o número de partidas ainda é grande, muitas vezes em horários inadequados, e o Brasileiro sofre com a falta de público. Os atletas não têm participação nas decisões dos clubes e muito menos do funcionamento dos campeonatos, apesar de serem os principais artistas do espetáculo, e deixam de faturar mais ainda.

Sócrates realmente não entende o comportamento dos jogadores:

“O futebol é uma estrutura extremamente conservadora que tem medo

do poder de seus artistas. Isso é natural. Em que estrutura organizada o trabalhador braçal tem mais poder do que o chefe? Só no esporte, só na arte. Então os donos do negócio tentam diminuir seus artistas para que eles não tenham consciência disso.

“A maior parte dos jogadores não tem acesso ao capital. O que existe hoje é uma maior concentração de renda. A distribuição de renda hoje é muito pior do que na minha época de jogador. Se formos levar isso ao extremo, isso pode estimular um novo processo revolucionário; globalizado.

*“Muito mais gente hoje está excluída do sistema. Isso pode fazer com que surjam determinados líderes. Porém, isso é uma questão de formação. Tudo passa inevitavelmente pela conscientização da sociedade”.*³¹

Talvez só os itens já citados fossem motivo para reivindicações. Mas como não se rebelar contra o presidente Ricardo Teixeira, que completará 20 anos à frente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em janeiro de 2009 – e que está garantido no cargo até a Copa de 2014? Como não se rebelar com a forma com que os jogadores são tratados por imprensa e dirigentes? Como não se revoltar por não ter controle sobre a própria vida, aceitando a maioria das imposições dos clubes? Como deixar que ganhem em cima de si sem fazer nada?

Julio Cesar, goleiro do Corinthians, único jogador a falar para o trabalho reconhece que há o que reivindicar, apesar de não se animar muito para tal:

Temos muitas coisas para reivindicar. Mas os atletas são uma categoria muito desunida. Se nos juntássemos, teríamos mais direitos. Mas acho que o futebol melhorou bastante. Está muito bom para nós, não ha algo específico para brigarmos fora o horário dos jogos.

Pode ser que as minhas indagações nunca tenham acometido a

31 Sócrates e Ricardo Gozzi, Democracia Corintiana (São Paulo, Boitempo Editora, 2002), cit.

maioria dos jogadores, como Julio Cesar. Mas pela cabeça de um ou outro pelos menos algum dos pontos levantados passou. E se isso aconteceu, por que não fizeram nada além de refletir? É difícil entender como jogadores claramente mais conscientes, como Rogério Ceni e Marcos pouco fizeram. Por serem ídolos, veteranos e influentes, podem ter brigado pelos grupos são-paulinos e palmeirenses, respectivamente, mas nada além do seu microcosmos. E popstars como Ronaldinho Gaúcho e Kaká, com visibilidade e capital político para apontar problemas e angariar apoio, por que nunca se interessaram em mudar algo? Juca dá uma dica:

Em regra, o rebelde, no momento em que está fazendo a história, se ferra. O Millôr Fernandes tem uma frase que é brilhante: desconfie da pessoa que fica milionária com as suas bandeiras. Se o cara está brigando contra o sistema é pra se ferrar, não é pra se dar bem. O Tiradentes morreu enforcado, Jesus puseram na cruz.

Pode ser que eu esteja simplesmente querendo que eles, como atletas, tomem uma posição contestadora que nem eu, como jornalista, tomo. Como indicou o PVC. Talvez devesse olhar mais para o próprio umbigo antes de falar do dos outros. Talvez. Mas nada impede de criticar construtivamente, nada impede de tentar ver além do que já está posto. Nada impede de questionar velhas manias, estruturas antigas e desigualdades sociais e de poder. Pelo menos uma coisa eu aprendi com Afon-sinho: é a rebeldia que muda o mundo.

4.3 ENGANA QUE EU GOSTO?

Sempre que comentava com alguém sobre este trabalho e apresentava o tema, o mais comum era as pessoas perguntarem sobre quem eu falaria. Muitas vezes preferiam tentar adivinhar e saíam nomes como Robinho, Edmundo e Romário. Enfim, dificilmente alguém se lembrava de Afonsinho, Reinaldo, Sócrates. No imaginário das pessoas estão, claro, os jogadores com quem elas tiveram mais contato, ou seja, os mais recentes. Isso não só indicava a falta de cultivo da memória, problema crônico, como a dificuldade em classificar rebeldes e revolucionários. A maioria das vezes eram apontados atletas que, como os supracitados, estão mais para a categoria de negociadores, indisciplinados e/ou autênticos ou com personalidade e consciência forte. São considerados, até que possamos estudar cada caso mais profundamente, mais como falsos rebeldes/revolucionários.

É difícil ver jogadores discutindo, pelo menos via imprensa, questões que dizem respeito ao seu trabalho. E se não há debate, muito menos reivindicação. Às vezes aparece uma aqui ou outra ali, geralmente para pressionar alguém, se eximir de responsabilidade ou simplesmente botar fogo no circo. Dificilmente com consciência de que o barulho que está fazendo pode ser e se transformar em algo maior. Por isso, talvez, os confrontos hoje entre jogadores e clube passem quase que exclusivamente pela questão financeira.

O exemplo mais recente é o do atacante Robinho, entre agosto e setembro de 2008, durante a janela de transferências da Europa. Com contrato com o Real Madrid (ESP), considerado o clube mais famoso e vitorioso da história do futebol mundial, o sonho de qualquer profissional, Robinho veio a público dizer que queria se transferir para o Chelsea

(ING). A manobra, provavelmente orquestrada pelo seu então procurador Wagner Ribeiro, é velha, já usada pelo próprio Robinho para trocar o Santos pelos espanhóis, numa tentativa de pressionar e constranger o clube via imprensa.

Robinho só reivindicou o direito de ganhar mais em outra agremiação, pensando no seu próprio bem. Uma vitória no episódio beneficiaria a ele e a seu empresário. Nada de protestar contra uma forma de dominação do Real Madrid ou apontar para um problema comum a todos os profissionais da sua área. Nada disso. O atacante apenas quis forçar sua saída para não pagar a alta multa rescisória com os espanhóis.

É assim que funciona. Os jogadores e seus empresários valem-se da posição de vítimas e do direito de trabalhar onde quiser para pular de clube em clube. Como se os contratos não valessem nada. E, na verdade, são como qualquer outro contrato: estão firmados e devem ser cumpridos. Se forem quebrados, é preciso arcar com as conseqüências. E a maioria prevê como principal conseqüência da rescisão uma multa. O que acontece, portanto, é uma tentativa de escapar da multa. Não há vítimas ou rebeldes nessa história, já que o jogador poderia contestar a existência da multa na hora de assinar. Mas não. Preferem ter a chance de ganhar também a multa a ter a liberdade de escolher a hora de jogar tudo para o alto quando quiser sair sem ter de indenizar a outra parte.

Robinho, como se sabe, não conseguiu o que queria. Não completamente. Quem pagou a sua multa rescisória, quebrando o contrato com o Real, foi outro time inglês: o Manchester City (ING). Tão claro estava que este não era o destino esperado pelo ex-santista que, pouco depois de acertar com os ingleses, rompeu com seu empresário. José Paulo Florenzano, Juca Kfoury e Hilário Franco Júnior definem assim o caso:

É uma disputa de contrato comercial.

É cafagestagem, é anti-profissional, é coisa moleque, é ganância.

É um desencontro de situação profissional.

O episódio ainda ganhou repercussão porque Wagner Ribeiro teria acertado com o Manchester City e preterido o Chelsea por uma comissão maior. Atitude que teria motivado o fim da parceria entre jogador e empresário. E fato que nos lembra do já supracitado problema da falta de consciência para gerir a carreira, como explica PVC:

Nenhum jogador precisa de um agente para ser sua babá. Se o jogador entender que ele não precisa, pode usá-lo a seu favor. Aí a relação muda. Não mudou por culpa do jogador.

Além da questão financeira, há a disciplinar. Quem simplesmente desobedece qualquer regra do clube já é tido como rebelde. O descumprimento por si só não significa necessariamente uma contestação ou desejo de apontar algo errado a ser combatido.

Edmundo talvez pudesse ser visto como um rebelde. Em sua trajetória, não só desobedeceu como contestou regras de clube, imprensa e sociedade – apesar de ser tachado apenas como um jogador-problema. Não aceitou se submeter como todos os outros ao processo disciplinar e apontou a falha. Com o passar dos anos, os problemas e as brigas que foi conquistando por onde passou, porém, o amansaram. Nos três últimos times que defendeu (Figueirense, Palmeiras e Vasco), manteve a personalidade. Falou, cutucou, mas não repetiu a contestação efetiva de começo de carreira. Especializou-se mais em ser sincero, como gosta de ressaltar, e polemizar. Por isso, é difícil considerá-lo um rebelde do futebol brasileiro hoje, pela sua atual postura, como explica Hilário Franco Júnior:

É algo inevitável. Os rebeldes, com a idade, vão deixando de ser rebeldes. É um pouco da natureza humana. Depois que toma umas cacetadas, cai a ficha de que daqui a uns anos não vai ter a mesma mamata e baixa a bola, muda de comportamento.

Romário, que se aposentou em 2008, provavelmente também não entraria na categoria dos rebeldes. Goleador por todos os clubes que passou e pela Seleção Brasileira, sempre conseguiu dar um jeito de escapar

de certas burocracias (treinos e concentrações) - com maior ou menor convivência das diretorias. Não permitiu que seu corpo fosse sujeitado a disciplina, mas estivesse sempre pronto para os prazeres da vida. Mas foi um comportamento que adotou sempre pensando apenas nele mesmo. E esteve também sempre próximo aos cartolas, com quem garantiu seus privilégios e teve indisciplinas perdoadas. Nunca esteve do lado dos jogadores no front, nas reivindicações da classe.

A postura do Baixinho, por sinal, desapontou dois dos nossos entrevistados. Com o capital rebelde que tinha, poderia ter “botado o dedo na ferida”, como reclamou Juca Kfourri. Para Sócrates, faltou mais estrutura ao campeão mundial de 1994:

Um cara como o Romário, se tivesse mais informação, conhecimento, como eu tive, seria parecido comigo. Mas que estivesse dentro dos interesses e visão dele. O cara não tendo formação não tem condição de verbalizar o que sente. De alguma forma ele expressa isso, mas quanto menos informação, educação e conhecimento, mais difícil é. Um Romário é um cara que eu senti que queria discutir, mas nunca teve essa possibilidade, não tinha base, não tinha chão pra isso, mas queria brigar. E não é culpa dele, é do sistema, do país.

Kaká foi lembrado por PVC. Não porque teve uma atitude contestadora, mas porque mostrou personalidade e não foi submisso:

Quando o Kaká toma uma atitude em relação ao Dunga e à Seleção Brasileira, pedindo para não ir à Copa América [de 2007, na Venezuela] e contesta a maneira como é tratado publicamente seu pedido de dispensa, por uma lesão no joelho, está sendo maduro.

Robinho, Edmundo, Romário ou Kaká, para ficarmos só neles, como vimos, não podem ser considerados rebeldes. Cada um por um motivo, mas todos por não contestarem verdadeiramente. Até ensaiaram esse caminho, mas não se dispuseram a traçá-lo.

4.4 E AGORA?

Não dá para prever se teremos algum rebelde/revolucionário nos próximos anos. Não só porque nunca se sabe o que pode acontecer, até porque é complicado identificar na hora qualquer personagem, muito mais complexo do que as simplificações da mídia, e catalogá-lo, com uma implacabilidade que pode se mostrar incorreta e até prejudicial. Mesmo assim, de maneira teimosa, perguntei aos entrevistados o que poderíamos esperar do futuro. Eles aceitaram e foram unânimes: não há perspectivas de novidades.

Hilário Franco Júnior dá, talvez, a melhor das análises:

Se nós estamos num momento que não é de rebeldia, é difícil para o futebol, isolado da sociedade, começar uma [rebeldia]. Tem de ter uma causa, uma bandeira. O que os jogadores querem é um melhor contrato, ir para Europa e fazer o que o professor mandar dentro de campo. Não tem muita possibilidade de rebeldia.

Depende das condições históricas muito mais do que das futebolísticas. Se vier uma outra ditadura, estará criado um clima em que mais cedo ou mais tarde aparecerão os Afonsinhos, os Sócrates, os Reinaldos da vida, se colocando contra. Agora, se o país continuar na toada que está, a tendência é que vá se ajeitando internamente, que com o tempo consolide a democracia, que a desigualdade diminua um pouco, que a riqueza amplie, que o Estado passe a gastar menos, a fazer mais coisas pelo bem-estar do cidadão. Quer dizer, se o Brasil avançar positivamente, não vejo o que poderia ser motivo de rebeldia. O rebelde pela rebeldia não existe. Tem que haver alguma coisa que faça ele se sentir agredido, menosprezado, desconsiderado. Se essa situação nacional como está não tem rebeldia, se tem esperança daqui para melhor, não tem razão de

rebeldia. Claro que pode ter os casos pontuais. Mas só há condições de voltarmos a ter rebeldia se surgirem situações históricas globais, sociológicas, políticas, que estimulem essa rebeldia.

O que eu acho legal, mas não é rebeldia, é o futebol servindo de exemplo para a sociedade em outros planos. Você vê que tem um monte de jogadores, e não só os Cafus da vida, mas até um Aloísio, que tem a sua fundação, que cuidam de crianças pobres, o que é super bacana. Isso pode ser um movimento catalisador, desencadeador de alguma coisa. Fica a esperança de que nessas coisas consistentes os ídolos também sejam copiados.

E se surgir algum, é bom torcer para que seja revolucionária, produzindo mudanças significativas no sistema que rege o futebol. Porque até agora, os rebeldes que apareceram até conseguiram algumas vitórias, mas nada que mudasse a ordem em curso definitivamente, apenas em alguns itens e muito mais pontualmente.

É por isso que Sócrates insistiu, não só comigo, mas em várias entrevistas, para que se exija de alguma maneira que todos os jogadores tenham mais ensino:

A questão básica é o seguinte: estamos num país que tem uma trajetória complexa, com uma democracia de 20 e poucos anos, a última, e temos uma democracia eleitoral, não social. E esses caras que jogam futebol têm uma puta importância para o país. Uma das brigas que tenho há anos e estou tentando viabilizar e chamar a atenção é exigir formação mínima, que seja o [Ensino] Fundamental, já que tá na Constituição. Para o cara ter noção do quanto ele representa. Porque o sonho de cada criança mal nascida nesse país, de ascensão social, é jogar futebol ou ser pagodeiro. E se o cara não for exigido para estudar, ele não vai estudar porque o ídolo dele nunca estudou.

Nessa linha, Juca lembra da importância do esporte para o país:

Pode servir de integração, de exemplo. O Brasil precisa fazer uma rup-

tura séria na sua área esportiva para que possa florescer e ser alguma coisa que a sociedade olhe e diga “se deu pra fazer no esporte, vamos fazer em outras áreas”.

Nada nos impede, portanto, que entendamos a realidade, mas sejamos mais otimistas, como Afonsinho:

O cara é transformado numa máquina de produzir. Não adianta ganhar um baú de ouro, porque a saúde dele não se compra, principalmente a emocional. Quanto mais o cara precisa extravasar a tensão a que ele é submetido, mais é criticado por isso. É algo que não tem saída, algo totalmente doentio. É diferente de uma vida em plenitude. É um desvio. Eu fico horrorizado com o momento atual, mas sigo na sagrada esperança.

Todos nós, Afonsinho.



LIÇÃO DE VIDA

Demorou. Mais precisamente cinco anos. Um além do que seria uma graduação normal de Jornalismo. Mas acho que finalmente eu aprendi o que é ser jornalista. Talvez ainda não seja um, esteja em vias de ser. Mas eu sei o que é, de verdade, ser jornalista.

E não é ficar enfurnado na Redação por oito horas, conversando por telefone, MSN, e-mail e pesquisando na Internet. Isso pode e deve fazer parte do processo de apuração e levantamento de dados e histórias. Mas ser jornalista é muito mais do que ser redator.

Jornalista é aquele que observa. E não pela tela da TV ou do computador. É aquele que observa ao vivo, que está lá. Jornalista é aquele que sente. E não indiretamente, porque contaram, baseado no que ouviu dizer. É aquele que entra em contato, vive.

O jornalista talvez nem devesse se chamar jornalista. Ele é muito parecido com outros colegas da área de Ciências Humanas: o sociólogo, o antropólogo, o historiador. Porque pesquisa, observa e reflete. Tem muitas vezes um quê de artista, porque sente as dores do mundo, é sensível, tem criatividade e uma veia contestadora.

O jornalista é muito mais do que tem sido. Não é um ser aprisionado, chato e burocrático. É um ser que deve ter liberdade para perceber, captar e desenvolver.

Talvez tenha sido este o principal presente deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): rever o que eu tinha por Jornalismo e jornalista. Mais do que isso: lembrar o porquê de ter escolhido essa profissão, re-

descobrir o tesão por descobrir, pensar e escrever.

Aprendi isso tudo principalmente por dois motivos: a pesquisa e as entrevistas. Poder se debruçar sobre um tema com um pouco mais de calma, realmente refletir e reparar nos seus diversos meandros, causas, conseqüências, bizarrices, importância, enfim, é ótimo. Só faz crescer. E as entrevistas merecem até um comentário maior.

Porque foi no bate-papo com pessoas com quem eu nunca tinha falado (ou conversado pouco) que eu realmente entendi o mais importante e gostoso desta vida: os encontros. É ali, de frente para aquela pessoa, familiar ou não, que você existe e o outro também. Às vezes pode ser desagradável, traumático, afinal, não é sempre que a gente ganha. Mas muitas vezes pode ser interessante, instigante, uma delícia.

Vivemos num mundo em que a gente se fecha cada vez mais no próprio umbigo. Seja por medo, preguiça, conveniência. E esquecemos o quão gostoso é ver o outro. Reparar nos seus tiques e trejeitos; entender os gestos que indicam sua empolgação ou vergonha; ouvir histórias nunca antes imaginadas; sentir pena, vergonha ou vontade de dar um abraço; querer falar, discutir, compartilhar; olhar nos olhos e enxergar o coração. Esquecemos o quão importante é simplesmente ser e ser sentido.

E isso só foi possível porque tive a sorte de encontrar grandes figuras nas minhas entrevistas. Os jornalistas eu já tinha tido algum contato, seja no LANCE! ou por telefone. Mesmo assim, mostraram-se outras pessoas com o gravador ligado. Dispostos a dar sua opinião, a discutir e a contrapor uma série de idéias equivocadas que eu tinha. Mais do que a boa vontade de perder um tempo do trabalho para atender um universitário, estiveram lá comigo efetivamente, proporcionando ótimos bate-papos, me ajudando com aspas e idéias.

Foram os atletas, porém, que me surpreenderam. Os jogadores porque não se dispuseram a falar. Blindados pelas assessorias de imprensa, negaram meus pedidos por cerca de um mês. Ninguém é obrigado a dar entrevista, estou ciente disso. Sei também que os compromissos

são inúmeros. Mas fica evidente o medo nesses casos do encontro com o outro. A fobia do desconhecido. O único corajoso foi o goleiro do Corinthians Julio Cesar, curto e grosso nas respostas, mas autêntico e sincero. Os ex-jogadores, por sua vez, mostraram-se muito mais solícitos. Foi por isso, inclusive, que fiz questão de contar o encontro com Afonsinho e Sócrates. Porque eles estavam abertos para mim. Dispostos a encarar aquele cidadão de quem nunca tinham ouvido falar. Arriscaram encontrar alguém de quem não gostariam – mas acho que gostaram (risos). Foram preparados para mostrar o que são, o que pensam e para ouvir, serem questionados. Foi observando eles que eu mais aprendi – e curti estar lá.

E agora entendo o porquê daquela famosa frase: jornalista é a melhor profissão do mundo. Entendo, porque agora acho que sei o que é ser jornalista de verdade. Não o que me venderam ou querem que seja. Mas aquilo o que é realmente. Simplesmente ser e estar.



ENTREVISTADOS

Afonso Celso Garcia Reis

Ligação com o futebol: ex-jogador, conhecido por ser o primeiro a conquistar o Passe Livre no Brasil e como o principal rebelde da história do esporte no país

Dia e local da entrevista: 4/10/2008, em Jaú, interior de São Paulo, na casa de Afonso

André Kfour

Ligação com o futebol: repórter da ESPN Brasil e colunista do LANCE!

Dia e local da entrevista: 2/10/2008, em São Paulo, na sede da ESPN Brasil

Arnaldo Ribeiro

Ligação com o futebol: redator-chefe da revista Placar e comentarista da ESPN Brasil

Dia e local da entrevista: 30/9/2008, em São Paulo, na sede da Placar

Hilário Franco Júnior

Ligação com o futebol: professor de História Social na Universidade de São Paulo e autor de A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade e Cultura

Dia e local da entrevista: 21/10/2008, em São Paulo, na sala do professor na FFLCH-USP

José Paulo Florenzano

Ligação com o futebol: professor de Sociologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e autor de Afonso e Edmundo: A Rebelião no Futebol Brasileiro e A Democracia Corinthiana: Práticas de Libertação no Futebol Brasileiro

Dia e local da entrevista: 10/9/2008, em São Paulo, no pátio do Benê, na Comfil da PUC-SP

Juca Kfour

Ligação com o futebol: comentarista e apresentador da Rádio CBN, da

ESPN Brasil e colunista do jornal Folha de S.Paulo e do site UOL
Dia e local da entrevista: 1/10/2008, em São Paulo, na sede da Rádio CBN

Julio Cesar

Ligação com o futebol: goleiro do Corinthians
Dia e local da entrevista: 1/10/2008, em São Paulo, no Parque São Jorge, sede do Corinthians

Mauro Beting

Ligação com o futebol: comentarista e apresentador do Grupo Bandeirantes e colunista do LANCE!
Dia e local da entrevista: 22/9/2008, em São Paulo, na sede do Grupo Bandeirantes

Paulo César Caju

Ligação com o futebol: ex-jogador, conhecido por ser um dos rebeldes da história do esporte no Brasil
Dia e local da entrevista: 23/9/2008, em São Paulo, no Brooklin

PVC

Ligação com o futebol: comentarista da ESPN Brasil e colunista da Folha de S.Paulo
Dia e local da entrevista: 2/10/2008, em São Paulo, na sede da ESPN Brasil

Ricardo Gozzi

Ligação com o futebol: jornalista de Internacional do portal do Estádio e autor de Democracia Corintiana
Dia e local da entrevista: 1/10/2008, em São Paulo, no restaurante Grill Sabor

Sócrates

Ligação com o futebol: ex-jogador, um dos líderes da Democracia Corintiana, autor de Democracia Corintiana, colunista da revista Carta Capital e comentarista da TV Cultura

Dia e local da entrevista: 1/10/2008, em São Paulo, na TV Cultura



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos

RENATO, C. “O caro amigo Afonsinho, um amante da liberdade”. *Gazeta Mercantil*, 30 junho 2000.

Livros

CAJU, P. C. L. *Dei a volta na vida*. São Paulo, A Girafa, 2006.

FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

FLORENZANO, J. P. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo, Musa, 1998.

FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

NOGUEIRA, C. *Futebol, Brasil, memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro, Senac Rio, 2006.

RENNÓ, C. *Gilberto Gil: todas as letras*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo, Contexto, 2005.

SÓCRATES; GOZZI, R. *Democracia Corintiana*. São Paulo, Boitempo, 2002.

Sites

BOUDENS, E. Relações de trabalho no futebol brasileiro: a Lei do Passe, a tentativa de sua extinção (PL N° 1.159/95) e a proposta de regulamen-

tação do Indesp. Disponível em:

<http://apache.camara.gov.br/portal/arquivos/Camara/internet/publicacoes/estnottec/pdf/200500.pdf>

Dicionário Houaiss (versão eletrônica).Disponível em:

<http://educacao.uol.com.br/dicionarios>

Crédito das Imagens

Página 18:

retirada do site:

<http://img157.imageshack.us/img157/3241/delacroixcf4.jpg>

Página 34

Arquivo pessoal de Afonsinho.

Página 54

Arquivo pessoal de Sócrates, cedido pela Editora Boitempo.

Página 78

retirada do site:

<http://img233.imageshack.us/img233/2599/robinho121024x768oy6.jpg>

AGRADECIMENTOS

É a primeira vez que eu agradeço às pessoas assim, de uma maneira meio oficial por me ajudarem em alguma coisa. Claro que vão pintar os nomes que tiveram participação mais direta e de quem eu gosto, mas o sentimento é de agradecimento também por todos os indiretos, por menores que tenham sido. Afinal, não é do nada que se constrói uma idéia. Tem participação nisso desde professores de colégio, que deram os primeiros incentivos, a todo tipo de arte, a qualquer conversa com desconhecidos ou novas experiências. Os anais da história, porém, terão de ficar com aqueles que foram imprescindíveis.

Começo com o pessoal da PUC-SP. Agradeço principalmente meu orientador, Hamilton Octavio de Souza, que me fez acreditar na minha capacidade, espantando as angústias e os medos. E agradeço muito, de coração, aos professores que me fizeram entender o Jornalismo de uma maneira nova, abrindo minha cabeça: Faro, Arbex e Walter.

Dos amigos da faculdade, agradeço a mais do que ninguém à Mari. Companheira de madrugada na redação deste trabalho, foi ela quem mais revisou os textos e, acima de tudo, elogiou e incentivou. Minha verdadeira sister, amiga pra todas as horas, que vai estar sempre do meu lado, tenho certeza. A Ana Cecília também me ajudou muito no começo do trabalho e na elaboração, além, claro de ser muito mais do que uma amiga. Mudou várias percepções e revolucionou minha vida em diversos sentidos. Agradeço demais a ela por isso e espero estar sempre por perto.

Do LANCE!, tenho de agradecer aos que ainda estão lá e aos que saíram. Fernando Souza e Thiago Perdigão foram sempre amigos nas horas difíceis e com quem compartilhei todos os tipos de dificuldade, além da ajuda com folgas e férias para que terminasse o trabalho.

Dos que não estão mais comigo, não posso – e nunca vou – es-

quecer do Netão. Sempre acreditou no meu potencial e brigou por mim. Além de ser um cara genial, um dos maiores que conheço, com sensibilidade e inteligências impressionantes. Um amigo com quem tive as melhores reflexões sobre toda ordem de assuntos mundanos e metafísicos. E agradeço ao Pulga, sempre aberto e talvez o mais rebelde da Redação.

E um parágrafo tão somente para o meu brother Cesão. Responsável pela diagramação, pelo tratamento das fotos e pela arte da capa. Ou seja, responsável por organizar tudo que aqui está escrito de uma forma agradável e do caralho. Além, claro, de ser o meu sócio no BETO MITO, com quem me permiti transcender na hora de criar, descobrindo que dá pra trabalhar e se divertir. E, além ainda, de ser um grande amigo, do fundo do peito, ombro pra todas as horas e farras possíveis.

Para o trabalho em si, foi importantíssima a ajuda dos professores José Paulo Florenzano, da PUC-SP, e de Hilário Franco Júnior, da USP. Não só as entrevistas dos dois, como seus livros conduzem esta obra. E meu muito obrigado a todos os entrevistados, cada um me ensinando algo à sua maneira, contribuindo para a reflexão e construção deste trabalho, topando perder parte do seu valioso tempo com um universitário.

Da família, agradeço minha mãe, lá sempre quando preciso, mais do que ninguém; meu pai, teimoso para que eu fizesse e terminasse a faculdade; minha vó Ruth, por acreditar que eu conseguiria fazer um livro e me incentivar desde pequeno à leitura e à cultura; meu tio Álvaro, meu grande herói na adolescência e exemplo até hoje; Marta e Roberto, maravilhosos sempre; vô João e vó Rosa, pelo suporte e carinho a vida inteira; Marinez, pelo amor de vó e as dicas de vida. E à gangue, formada pelos meus irmãos Caio e Johnny, sempre do meu lado, demais; meus primos Tátá, Aninha e Luquinhas, irmãos – meus maiores amigos do passado, presente e futuro. Um beijão distante, mas próximo, àqueles que foram por um tempo minha família: tia Leyla, tio Grijalva, tio Roberto, Coronel, Bia e Gabi. E aos gatos e cachorros, que também são gente: Negão, Nina, Tuca, Zulu, Dudu, Tissoni - e Lali e Cookie. E um beijo especial para a minha terapeuta, Bia, importante no meu recomeço.

E um parágrafo exclusivo para o meu avô Ricardo. Meu orientador extra-oficial, ajudando na concepção do tema, no seu desenvolvimento, na redação e em tudo o que esteve ao seu alcance. Crítico quando necessário, abriu meus olhos para questões que poderiam estragar o trabalho. Carinhoso, sempre incentivou, sempre com sinceridade de quem acreditava, mais do que de avô orgulhoso. Te agradeço, vô, do fundo do meu coração, não só por este trabalho, mas também por tudo o que me ensinou em todos os campos da vida. Você é, sem dúvida, o meu maior exemplo profissional e intelectual.

Não posso esquecer dos meus amigos, também verdadeiros irmãos, essenciais nas horas mais difíceis: Pet, Lucas, Gabriel, Aninha, Jorge, Medaglia, Pedrinho e Giances.

Para terminar, agradeço a uma pessoa que, sem dúvida alguma, foi quem mais esteve ao meu lado durante toda a graduação. Foi quem me viu empolgado quando não devia, arrogante sem motivo; foi quem me apontou erros e acertos, ajudando a corrigir o caminho; foi com quem dividi minhas conquistas e no ombro de quem chorei nas minhas derrotas e fracassos; foi minha maior incentivadora, que não me permitiu desistir do Jornalismo, da PUC e quem mais me fez, mais do que qualquer um, acreditar em mim mesmo. Ela sempre quis ver seu nome em alguma matéria ou vídeo meu. Nunca pude prestar tal homenagem, uma assim do tamanho do meu amor por ela. Chegou a hora. Sylvia Borges Pereira Fonseca, obrigado por ter estado do meu lado por cinco anos e meio, e por ser quem você é, independentemente do que aconteceu (acontece e acontecerá). Obrigado de verdade, do fundo do meu coração.

